



DIVERSIDADE AMBIENTAL IDENTIDADE E LUDICIDADE

UMA REFLEXÃO PEDAGÓGICA
SOBRE AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

SANTO ANDRÉ, 2025



PREFEITURA DE
SANTO ANDRÉ



ADINKRA MPATAPO
Nó da pacificação, símbolo
da reconciliação

PREFEITURA DE SANTO ANDRÉ

Gilvan Ferreira de Souza Junior
Prefeito

Silvana Maria Lopes de Medeiros
Vice-prefeita

Pedro Luiz Mattos Canhassi Botaro
Secretário de Educação

Carla Maria Menezes
Secretária Adjunta

Edilene Vieira Fazza
Gerente da EMEA Parque Tangará/ Parque Escola

INSTITUTO DE PROMOÇÃO AO DESENVOLVIMENTO CULTURAL E CIENTÍFICO - IPRODESC

Carlos Armando de Oliveira Machado
Presidente

Sue Ellen Turcarelli de Lima Guazzi
Diretora de Projetos

Agatha Matarazzo
Coordenadora

Kevelyn Rodrigues da Silva
Bióloga Técnica

ÁFRICA: DIVERSIDADE AMBIENTAL, IDENTIDADE E LUDICIDADE - Uma reflexão pedagógica sobre as relações étnico-raciais e a educação ambiental.

Pesquisa e Organização

Agatha Matarazzo
Edilene Vieira Fazza
Fabiana Cardoso dos Santos
Natália de Amorim Soares
Sue Ellen Turcarelli de Lima Guazzi

Revisão Pedagógica

Fabiana Cardoso dos Santos
Gabriella de Vargas
Katia Figueiredo da Costa Ribeiro
Natália de Amorim Soares
Andresa Bispo da Silva
Maria Luciana Alves da Silva

Contribuições bibliográficas

Andresa Bispo da Silva
Aline Aparecida Souza de Carvalho Veiga
Maria Luciana Alves da Silva
Regina Maria da Silva
Vanessa Figueiredo Bonfante
Victor Eduardo Camilo

Revisão Final realizada pelo Núcleo de Educação para as Relações Étnico-Raciais (Nerer) - Santo André

Flávio Ventura
Fernanda Barletta Martins
Francine Machado de Mendonça
Regina Maria da Silva
Patrícia Salvador

Projeto Gráfico

Instituto IPRODESC

Publicação da edição impressa em Abril/2025, realizada por meio do Termo de Parceria nº 03/2024, firmado entre a Secretaria de Educação da Prefeitura de Santo André e o Instituto IPRODESC.

ISBN nº 978-65-986674-0-5



ADINKRA MAKO

“Pimentas” - Símbolo de desigualdade e desenvolvimento desigual. Vem do provérbio Akan: “Mako nyinaa mpatu mmere” e significa: “Todos os pimentões não amadurecem simultaneamente”.

APRESENTAÇÃO

A Escola Municipal de Educação Ambiental - EMEA Parque Tangará, vinculada à Secretaria de Educação do Município de Santo André, tem como objetivo sensibilizar crianças, estudantes, professores(as) e a comunidade escolar quanto à importância de um olhar sensível ao meio ambiente. Para tanto, tem como princípio a ecologia dos saberes¹, que se refere ao reconhecimento da pluralidade dos saberes e ao processo coletivo de produção de conhecimentos.

Em consonância com o Documento Curricular da Rede Municipal de Santo André, a EMEA acredita em um processo dialético e contínuo de construção do conhecimento, no qual o sujeito transforma e é transformado por seu meio. Assim, caminha junto às Unidades Escolares na construção de uma educação reflexiva, que conta com os processos de planejar, promover vivências, observá-las e replanejá-las, consolidando assim a práxis pedagógica.

Assim, em 2019, foi construída a Sala das Memórias, que enriquece a realização de roteiros didáticos sobre

a sabedoria dos povos indígenas brasileiros, como um disparador para um resgate e uma nova relação com a natureza.

Ao longo dos anos 2022 e 2023, a equipe da escola, juntamente com o Instituto Iprodasc, realizou pesquisas, análises de documentos curriculares, estudos e reflexões sobre a decolonialidade do saber, encontros formativos, além da escuta de coletivos e profissionais atuantes para uma educação antirracista. Surgiu, assim, o novo espaço pedagógico “África: Diversidade Ambiental, Identidade e Ludicidade”, inaugurado em outubro de 2023.

Este espaço pedagógico proporciona uma abordagem educacional sobre as relações étnico-raciais em diversos campos do conhecimento e em interlocução com a educação ambiental, trazendo à tona narrativas, saberes, representações e práticas que reconhecem os povos africanos e afro-brasileiros na história global e na formação do Brasil, em conformidade com a Lei nº10.639/2003 e a Lei nº11.645/2008.

Assim, tem como objetivo principal favorecer a promoção

¹ SANTOS, B. de S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. Epistemologias do Sul São Paulo: Cortez, 2010.



da educação ambiental, explorando as complexas interações entre os seres humanos e o ambiente que os cerca, reconhecendo e valorizando a diversidade de povos que construíram a nossa brasilidade. Desse modo, o Espaço África articula estes saberes de maneira interdisciplinar e transversal, na Educação Infantil, no Ensino Fundamental I e na Educação de Jovens e Adultos, da Rede Municipal de Ensino de Santo André. Os conhecimentos estão norteados pelos documentos: Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2004); Indicadores de Qualidade na Educação: Relações Raciais na Escola (2013); Diretrizes Curriculares Nacionais (2013); Base Nacional Comum Curricular (2017); e Documento Curricular da Rede Municipal de Ensino de Santo André (2019).

Este material propõe compartilhar reflexões, conceitos e orientações pedagógicas para o ensino de culturas africanas e afro-brasileiras, a partir da educação ambiental.

Convidamos os educadores e educadoras a mergulharem conosco nos conteúdos desenvolvidos através das pesquisas que integram esta coletânea e que constituem uma amostragem interdisciplinar da proposta da Escola Municipal de Educação Ambiental Parque Tangará/ Parque Escola, de forma articulada com profissionais da educação.

Agradecemos a todas as pessoas que nos antecederam, e, por meio dos processos educativos, contribuíram para a possibilidade da existência de materiais e espaços sobre a história, meio ambiente e culturas. Gratidão e respeito à população e aos educadores(as) negros(as), que resistem e resgatam diariamente suas raízes. E a todos(as) que compuseram a construção deste espaço pedagógico, que está em constante qualificação, a partir do compromisso com a equidade e com a educação integral e inclusiva, dialogando com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Agenda 2030.

Equipe Gestora da EMEA Parque Tangará

Conheça a
sala através
do QR-Code





ADINKRA SANKOFA

“Passáro com o corpo para a frente e a cabeça para trás, levando um ovo”.

Significado: aprender com o passado para construir o presente e o futuro.

A decorative border featuring a repeating pattern of stylized, colorful geometric shapes (squares, triangles, and lines) in shades of blue, yellow, and red, set against a white background.

1.4
C A I
2.1
2.2
2.3

CAPÍTULO I

RAIO-X ÁFRICA



1.1 Origem do ser humano mais antigo do mundo

Durante muitos anos, temos aprendido sobre a história contada e registrada pelo colonizador europeu. A Grécia é citada como o berço da civilização ocidental. Porém, os registros arqueológicos comprovam que os primeiros humanos surgiram no continente africano, onde as primeiras civilizações se organizaram.

O *Homo sapiens* é uma das espécies ancestrais dos humanos e é mais conhecido por ter migrado da África para o resto do mundo (MACEDO, 2008). O caso mais famoso de nossos ancestrais é o de Lucy, um fóssil de *Australopithecus afarensis*, descoberto na Etiópia, em 1974, que possui cerca de 3,2 milhões de anos.



Representação em tamanho real da Lucy, um *Australopithecus afarensis* que viveu há 3,2 milhões de anos. Flickr.

NO
CHÃO
DA ESCOLA

POSSIBILIDADES PRÁTICAS

Para todas as idades, com as suas devidas profundidades e contextos investigativos, é possível propor a elaboração, ou exploração, da representação de fósseis com argila.

1.2 Um passeio pelo continente

Para iniciar o nosso passeio pelo continente, nos remeteremos ao livro “Chuva de Manga”, do autor James Rumford, que apresenta a infância no Chade, país do continente africano, mostrando suas diferenças nas estações de chuvas e de secas, além de apresentar as brincadeiras de rua e a criação de brinquedos em casa.

“O Chade é um país que fica lá longe, no centro do continente africano. Seu povo vive uma realidade diferente e, ao mesmo tempo, próxima do nosso coração brasileiro. Há terras secas e alguns momentos de fertilidade, no solo árido - uma bênção da água que cai do céu.” - Descrição sobre o livro Chuva de Manga (2005)

Conforme as sugestões de vivências a seguir, podemos partir de uma obra literária, tendo-a como um disparador para trabalhar a temática com as mais diversas idades. Nesse exemplo, iniciamos com uma literatura que encanta sobre o país Chade e, em seu desdobramento nas salas referências e de estudos, quanta riqueza não podemos deixar de apresentar também sobre os outros países, suas culturas e diversidades.

NO CHÃO DA ESCOLA

SUGESTÃO DE LEITURA E DE VIVÊNCIAS



Livro: Chuva de Manga
Autor e ilustrador: James Rumford, 2005.
Ed. Brinque Book.

Para “bebês, crianças bem pequenas e crianças pequenas” (BRASIL, 2017), após a leitura do livro, aprofundando de acordo com os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento para cada faixa etária, entre tantas outras possibilidades, é possível propor:

- Exploração tátil, degustação de manga, explorando suas cores, sabores, aroma;
- Apresentação do globo terrestre destacando onde estão o Chade e o Brasil;
- Pesquisa com as famílias e rodas de conversas com as crianças sobre seus saberes acerca do continente e a construção de brinquedos, como o Tomás;
- Pesquisas e vivências com as crianças desdobrando e “embarcando” nas diversas curiosidades e saberes prévios levantados, possibilitando novos saberes.

Para os anos iniciais do Ensino Fundamental e EJA, é possível:

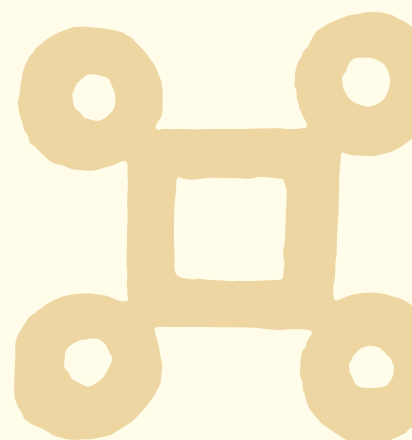
- Após a degustação da manga e o levantamento de elementos do livro que sejam familiares para a turma, possibilitar a escrita espontânea destas palavras;
- Levantar, em roda de conversa, os saberes prévios acerca do país Chade e outros países do continente;
- Criação de uma ficha técnica com as principais informações pesquisadas sobre o Chade, a partir de dados sobre a população, sua economia, culturas, política, línguas, religiões, atualidades etc.

Para todas as idades, o livro permite ainda a exploração de temáticas, como:

- Divisão do continente africano em 54 países;
- Vestimenta e indumentária;
- Costumes e alimentação;
- Sustentabilidade e meio ambiente;
- Paisagens africanas;
- Entre outras.

Atualmente, a África é o segundo continente em relação à densidade populacional no mundo, com mais de 1,4 bilhão de habitantes, e o terceiro maior continente em extensão, com cerca de 30 milhões de quilômetros quadrados, sendo banhado pelo mar Mediterrâneo (ao Norte), os oceanos Índico (a Leste) e Atlântico (a Oeste). Ao conhecer um pouco sobre o continente africano, perceberemos a ampla diversidade natural e a heterogeneidade de culturas, modos de vida, línguas e características políticas, culturais, econômicas, sociais e históricas. Assim, olhar para o mapa político da África e

entender sua história nos abre, ainda mais, possibilidades. O mapa político do continente apresenta 54 países. Entretanto, devemos levar em consideração as heranças da colonização europeia que, arbitrariamente, definiu as fronteiras dos países sem considerar as diferenças culturais dos povos e intensificou as disputas étnicas nestes locais. Já imaginou como eram os povos, os reinos, as culturas, enfim, os modos de vida no continente africano antes da influência europeia? Observe os mapas. No mapa da diversidade étnica da África, cada um dos pequenos recortes representa um grupo étnico.



**ADINKRA
MPUANNUM**
Símbolo de lealdade, destreza e ofício espiritual, representa a devoção e a fidelidade ao realizar uma tarefa solicitada.

Mapa político do continente africano.



Mapa "Diversidade Étnica da África". Disponível em: <https://africaarteeducacao.ciar.ufg.br/modulo3/cntnt/arquivos/Imagem-1.jpg>

Agora, ao rever a divisão geopolítica do continente, percebemos a imensa diversidade de povos que compõem a população africana. São cerca de 450 grupos étnicos, muitos deles convivendo dentro de um mesmo país.

NO CHÃO DA ESCOLA

PRA VOCÊ
EDUCADOR(A)

AMPLIANDO
REPERTÓRIO

Você conhece o geógrafo Milton Santos?

Considerado o maior geógrafo brasileiro e um dos mais importantes e respeitados do mundo, ele é o autor da frase:



Eu creio que é difícil ser negro e é difícil ser intelectual no Brasil. Essas duas coisas, juntas, dão o que dão, não é? É difícil ser negro porque, fora das situações de evidência, o cotidiano é muito pesado para os negros. É difícil ser intelectual porque não faz parte da cultura nacional ouvir tranquilamente uma palavra crítica.



Saiba mais sobre suas obras em:



Não perca, também, um breve vídeo sobre sua história, narrado por ele mesmo no Programa “A Cor da Cultura: Heróis de Todo o Mundo”, disponível em:



Aproximadamente, são faladas 2.092 línguas no continente africano, correspondendo a cerca de 30% dos idiomas do planeta. A diversidade linguística em África impressiona.

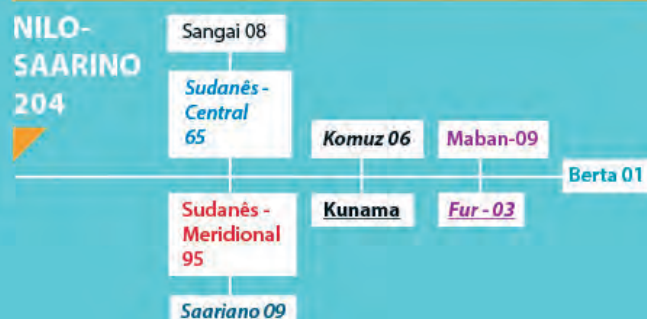
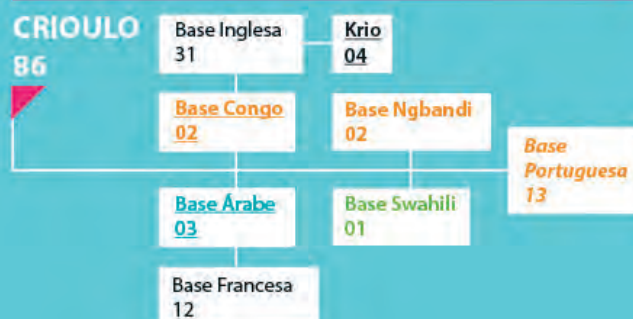
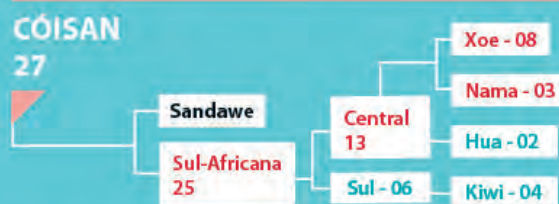
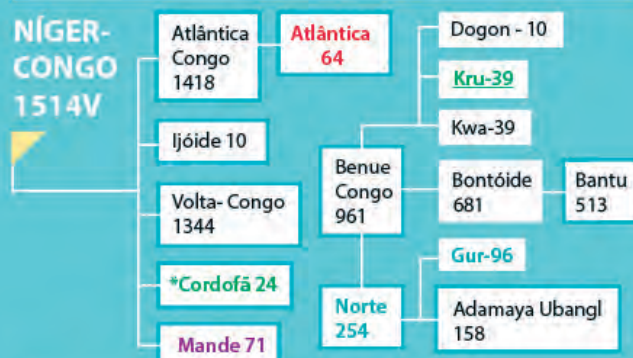
O multilinguismo é característica intrínseca do continente, pois além das duas mil línguas, estão presentes mais de oito mil dialetos. A presença de inúmeras variantes linguísticas dividindo os mesmos territórios, proporciona diferentes e complexas formas de ver e interpretar o mundo.

Apesar da diversidade linguística, dos 54 países que formam o continente africano, 27 possuem línguas vindas da Europa como oficiais; 18 apresentam pelo menos uma língua europeia entre as principais; e poucos países não têm a presença linguística dos colonizadores.

O inglês, o árabe, o francês, o italiano e o espanhol são línguas amplamente faladas por todo o continente. Seis países compartilham o português como língua oficial, assim como nós, no Brasil. São eles: Angola, Cabo Verde, Guiné Bissau, Guiné Equatorial, Moçambique e São Tomé e Príncipe.

O Swahili, que é uma língua “Bantu (ou Banto)”, é a língua africana com maior número de falantes, com cerca de 150 milhões de pessoas no continente africano. A África possui muito mais a contar sobre a sua história do que somos capazes de imaginar. Ali estão os primeiros centros universitários criados no mundo, os registros mais antigos do universo e o primeiro objeto matemático de que se tem registro. Isso sem falar que dali vieram povos que também formaram as nossas identidades.

LEGENDA POR CORES



Diversidade linguística da África, disponível em 02/01/2024, no link <https://africaarteeducacao.ciar.ufg.br/modulo3/cntnt/arquivos/Imagem-2.jpg>



1.3 As civilizações antigas e o conhecimento científico

Falar de civilizações antigas e seus conhecimentos científicos é abrir um portal de saberes e possibilidades pedagógicas nas escolas.

A medicina egípcia, por exemplo, tinha seu conhecimento a partir dos experimentos e estudos voltados para o interior do organismo humano, elaborado por meio da prática da mumificação, que compreendeu o embalsamento do corpo dos faraós e de pessoas influentes desta sociedade. Assim, podemos dizer que o cientista clínico egípcio Imhotep foi o primeiro a aplicar conhecimentos médicos e práticas de cirurgia, há cerca de 3 mil anos Antes da Era Comum - AEC (SOUZA e MOTTA, 2003; NASCIMENTO, 1996).

A descoberta do Eber Papyrus – um dos tratados médicos mais antigos que se tem conhecimento – comprova que os egípcios da antiguidade já utilizavam preparações da planta salgueiro para alívio da dor. Esse documento foi escrito por volta de 1500 AEC e apresenta mais de 700 fórmulas para alívio e cura de males.

Por volta de 460 AEC, Hipócrates - considerado o fundador da medicina pelos europeus - fez pouca, ou nenhuma, referência à Imhotep em seus registros científicos.

O conhecimento dos povos Dogon, que habitam a região do Mali e de Burkina Faso, em relação à astronomia é antigo. Desde 5 a 7 séculos AEC, esses povos já conheciam e registraram em monumentos as luas de Júpiter, os anéis de Saturno e a estrutura em espiral da Via Láctea.

Os Dogons transmitiram oralmente, de geração em geração, os saberes sobre a observação do céu como,

*Estatueta de Imhotep Sentado,
332-30 AEC. Imagem: Metropolitan
Museum of Art/Domínio Público*



por exemplo, que o universo é habitado por milhões de estrelas e que a Lua era deserta e inabitada, sendo refletida pelo Sol à noite (SOUZA E MOTTA, 2003; NASCIMENTO, 1996).

Esses povos têm uma estreita relação com o meio ambiente, que é expressa em suas tradições e rituais sagrados, considerados pela Unesco como patrimônio imaterial da humanidade, uns dos mais bem preservados na África Subsaariana. Os valores ancestrais permanecem em festivais, cerimônias e no culto aos antepassados, apesar do cristianismo e islamismo terem se espalhado pela região, ao longo do último século.



Dança das Máscaras, povo Dogon. Imagem: Wikipedia Commons

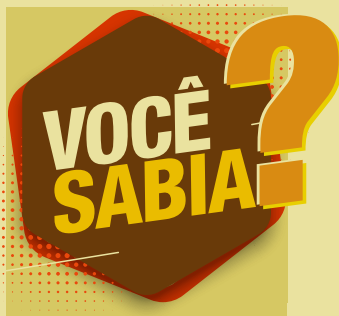
NO CHÃO DA ESCOLA

PRA VOCÊ EDUCADOR(A)
AMPLIANDO REPERTÓRIO



Conheça mais sobre
o Povo Dogon, os
astrônomos africanos,
no canal Mwana
Afrika Oficina Cultural.

Destacamos a impressionante Dança das Máscaras, um rito Dogon cheio de significados, desde a formação do mundo, a organização do Sistema Solar, o culto às divindades, até os mistérios da morte.



QUE A ÁFRICA SUBSAARIANA É UMA REGIÃO DO CONTINENTE AFRICANO QUE COMPREENDE OS PAÍSES LOCALIZADOS AO SUL DO DESERTO DO SAARA?

- A África Subsaariana é considerada o berço da raça humana, pois na região denominada África Oriental surgiu o gênero Homo. As evidências estão em ferramentas colhidas por arqueólogos e marcam o início do período Paleolítico;
- A região é composta por 46 países, incluindo Angola, Moçambique, Nigéria, Quênia, Tanzânia, Uganda, Zâmbia e Zimbábue;
- A região também abrigou grandes reinos como o do Mali (séc. XIII a séc. XVI), que monopolizava o comércio de sal. Isso permitiu que eles comercializassem o produto através das rotas transaarianas e obtivessem produtos em ferro, cavalos e louças;
- Como era um reino islâmico, várias mesquitas foram erguidas no território e, atualmente, os templos de Tombuctu foram declarados Patrimônio da Humanidade;
- Ela é, atualmente, uma das regiões mais vulneráveis do mundo, com baixa expectativa de vida.



Universidade de Al-Karaouine, no Marrocos. **Imagem:** Wikipedia Commons/

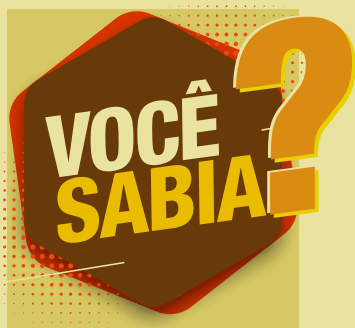
As **duas universidades mais antigas do mundo** estão no continente africano. A primeira delas é a Universidade de Al-Karaouine, que fica em Fez, no Marrocos, fundada por Fatima Al-Fihri, em 859 da Era Comum - EC. A segunda é a Universidade de Al-Azhar, fundada no Egito entre 970 e 972.

Um dos primeiros grandes impérios de que se tem notícia na História é Kemet. Por volta de 4 mil anos AEC, comunidades de agricultores – da região que hoje é o deserto do Saara – começaram a se agrupar e deram início às primeiras aglomerações urbanas. Depois, esses agrupamentos se unificaram e estabeleceram um grande império.

Kemet se transformou em um complexo de civilizações formadas por diversas nações africanas, ao redor do Rio Nilo, em uma área que se estendia desde a Núbia, Sudão, até ao rio Eufrates. Boa parte dessa região se tornou a civilização egípcia, que se desenvolveu em meio ao deserto, no nordeste do continente africano, às margens do Rio Nilo, em que os períodos de cheia tornavam o solo bem fértil.



Imagem: Flickr/ Domínio Público



QUE, COMO MUITOS OUTROS SABERES E PRÁTICAS, A IOGA TAMBÉM SURTIU NO CONTINENTE AFRICANO?



A Yoga Kemética, loga Africana ou loga Egípcia é um antigo sistema egípcio de iluminação baseado nas práticas de movimentos físicos combinados com respiração profunda controlada e meditação. Ela traz em suas posturas as imagens conhecidas por nós dos hieróglifos e de ilustrações nas paredes dos templos Keméticos. Veja mais no QR Code.

Matemática antiga

Foi encontrado no Congo, em 1950, o objeto matemático mais antigo que se tem registro. Trata-se do bastão de Ishango, um osso com registro de dois sistemas de numeração, datado de cerca de 18 a 20 mil anos AEC. Essa pluralidade de codificações é interessante também pelo fato de evidenciar a diversidade cultural pertinente ao continente africano, que traz outras possibilidades de comunicação e transmissão de conhecimento em função das diferentes práticas sociais. O objeto é cerca de 18 mil anos mais antigo do que a matemática desenvolvida pelos gregos.



Objeto matemático mais antigo já encontrado.

Imagem: Wikimedia Commons

Nollywood, a segunda maior indústria cinematográfica do mundo

Com uma produção que pode superar dois mil filmes por ano, a indústria cinematográfica da Nigéria gera cerca de 200 mil empregos diretos. Conhecida como Nollywood, a quantidade de filmes produzidos na Nigéria fica atrás apenas de Bollywood (Índia) e supera Hollywood (EUA) em número de produções ao ano. Os filmes nigerianos são assistidos em todo o continente através da venda de DVDs e distribuídos por aplicativos de streaming.

A Nigéria é o país mais populoso da África, com mais de 220 milhões de pessoas. Estima-se mais de 500 línguas catalogadas e faladas na Nigéria, assim as produções cinematográficas também são gravadas em diversos idiomas. Cerca de 40% da produção é em pidgin nigeriano, 35% em yorubá, 17,5% em hauçá e os 7,5% restantes em outras línguas, como o inglês e em dialetos locais.

NO CHÃO DA ESCOLA

PRA VOCÊ EDUCADOR(A)
LITERATURA PARA INSPIRAR E EMBASAR



“Gênios da Humanidade: Ciência, Tecnologia e Inovação Africana e Afrodescendente” (Editora DBA, 2017), do professor mestre Carlos Eduardo Dias Machado e da jornalista Alexandra Baldeh Loras.



Sucesso africano: cena do filme “Tango with me”, de Mahmood Ali-Balogun.
Foto: Divulgação

NO CHÃO DA ESCOLA

PRA VOCÊ EDUCADOR(A) LITERATURA PARA INSPIRAR E EMBASAR

Você conhece as obras de Bárbara Carine Soares Pinheiro? Formada em Química pela Universidade Federal da Bahia, com mestrado e doutorado na área, tem experiência na área de Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: Pedagogia Histórico-Crítica, Formação Inicial de Professores, Ensino de Química e Historicidade. Para melhor embasar a temática de produções científico-tecnológicas ancestrais e contemporâneas em afroperspectiva, deixamos aqui estas sugestões de livros escritos por ela:



“História preta das coisas: 50 invenções Científico-Tecnológicas de pessoas negras” (2021) e **“História Pretinha das Coisas: As descobertas de Ori”** (2022), indicado para crianças a partir de 4 anos. Ambos da autora Bárbara Pinheiro, Editora Livraria da Física.

1.4 A formação do Brasil

Antes do ano de 1500, no território que atualmente conhecemos como Brasil, viveram e vivem muitas etnias indígenas, que são os povos originários.

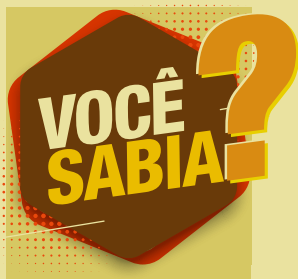
O colonialismo, em sua essência, foi um período histórico derivado do processo de expansão territorial, marcado pelas navegações e invasões de novos continentes. Este processo compreendeu a dominação das metrópoles sobre as colônias, estabelecendo uma relação simbólica de superioridade dos povos colonizadores.

Em 1500, o primeiro grupo europeu que chegou ao litoral do nosso país foram os portugueses. No período de colonização, o tráfico de pessoas escravizadas trouxe para o Brasil, forçadamente, cerca de 5 milhões de

africanos, de três principais troncos étnicos: os Bantu, os Gbés (Jejes) e os Yorubás.

Com a invasão dos europeus aos territórios africanos, os cativos seguiram muitas rotas, de suas pátrias para outras partes do mundo. O Caribe e a América do Sul receberam cerca de 11 milhões de africanos, que representaram aproximadamente 9% das pessoas escravizadas no período. Destes, cerca de 5 milhões de africanos tiveram como destino o Brasil.

Os povos Bantu, que ocupavam a África Central, na atual região do Congo, Angola e Moçambique, foram as primeiras etnias africanas trazidas em grandes quantidades para o Brasil, nos séculos XV e XVI (SLEENES, 2018).



QUE NO MESMO PERÍODO EM QUE PORTUGAL CHEGAVA EM TERRAS BRASILEIRAS, NA ÁFRICA EXISTIAM PODEROSOS REINOS E IMPÉRIOS?

Esses reinos tinham castelos e cidades muradas com construções complexas e fortificadas. Além disso, nessa época, povos africanos já desenvolviam técnicas de mineração para a construção de armas de bronze e ferro, existiam exércitos organizados com mais de 200 mil homens e mulheres, estudo da astronomia, práticas de medicina e um complexo sistema de estradas construídas, que rompiam desertos e densas florestas. Nessas estradas, eram transportadas cargas preciosas de ouro, sal e especiarias, inclusive para fora do continente africano.

Os Bantu compuseram a maioria dos africanos escravizados trazidos para o Brasil, cerca de 75%.

Já no século XVIII, ocorreu a chegada de povos da África Ocidental, do grande tronco étnico dos Gbés, provenientes do Império de Daomé e territórios adjacentes, compondo as regiões atualmente conhecidas como Benim, Togo e parte da Nigéria. Os Gbés ficaram conhecidos como Jejes, termo que em Yorubá significa inimigos e estrangeiros.

O termo “diáspora” tem a ver com dispersão e refere-se ao deslocamento, forçado ou não, de um povo pelo mundo. Falamos de diásporas africanas após os primeiros humanos povoarem o planeta.

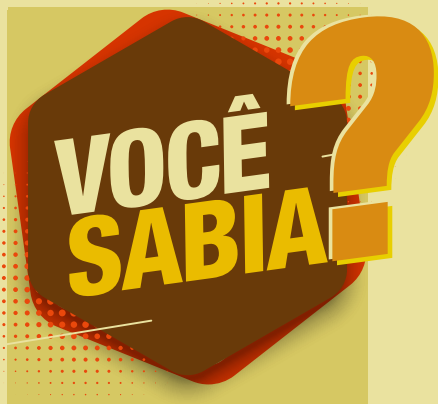
NO CHÃO DA ESCOLA

SUGESTÃO DE LITERATURA



Omo - Oba: Histórias de Princesas e Príncipes
Autora: Kiusam de Oliveira
Ilustradora: Ayodê França

Entre os sécs. VII e VIII, populações africanas se espalharam pelo mundo atingidas pelo tráfico transaariano e pelo tráfico via Oceano Índico e Mar Vermelho. Alguns séculos depois, o tráfico transatlântico de escravizados atingiu as populações africanas, dispersando os povos pelas Américas e, numa escala infinitamente menor, pela Europa. O deslocamento compulsório de seres humanos entre a África e as Américas, gerou cerca de dois milhões de mortos nos chamados “tumbeiros”, navios que transportavam humanos em direção ao cativeiro.



QUE AS PESSOAS ESCRAVIZADAS, QUE PERDERAM SUAS VIDAS NOS NAVIOS, TIVERAM SEUS CORPOS JOGADOS NO MAR?



Milhares de vidas foram ceifadas ao longo do período de escravidão e tráfico de pessoas, durante a colonização das Américas. O autor Laurentino Gomes, em uma entrevista, explana sobre como o descarte dos corpos no mar mudou o hábito dos tubarões que viviam naquelas regiões do oceano. Confira este trecho da entrevista.

NO CHÃO DA ESCOLA

PRA VOCÊ EDUCADOR(A) LITERATURA PARA INSPIRAR E EMBASAR

Para saber mais, conheça as obras de Laurentino Gomes, Editora Globo:



- **Escravidão Vol. 1** - Do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares (2019);
- **Escravidão Vol. 2** - Da corrida do ouro em Minas Gerais até a chegada da corte de dom João ao Brasil (2021);
- **Escravidão Vol. 3** - Da Independência do Brasil à Lei Áurea (2022);
- **Escravidão - Edição Juvenil Ilustrada:** Do primeiro leilão de africanos em Portugal até a Lei Áurea: versão da trilogia condensada e adaptada ao público jovem (2023)

Durante muitos anos, diversos(as) historiadores(as) e até mesmo livros didáticos retrataram a população negra apenas como escravizados e sujeitos passivos no processo histórico, silenciando milhões de pessoas negras na formação do Brasil. Os registros não retratavam a realidade.

“Mulheres e homens pretos resistiram ao sistema escravocrata por meio de fugas individuais e coletivas, formando quilombos em todo território brasileiro, criando grupos de ajuda mútua e irmandades religiosas que buscavam, entre outras coisas, a compra da liberdade dos escravizados. Organizavam greves por melhorias nas condições de trabalho, criavam espaços negros nas cidades e campos onde recriavam suas tradições ancestrais na música, na religião, na dança, na culinária, na sexualidade, enfim, em todos os aspectos da sociabilidade. É preciso destacar que as insurreições populares antes e após a independência do Brasil (1822) tiveram forte presença negra, como a Revolta dos Búzios (1798, Salvador), Insurreição dos Malês (1835, Salvador), Revolta dos Cabanos (1835-1839, Belém), dentre outros. Talvez o mais radical levante popular do período tenha sido a Balaiada (1838-1842, Maranhão), uma aliança de negros(as) e indígenas que abalou o domínio das elites dominantes na Amazônia, com a participação do preto livre Cosme Bento das Chagas. Merece destaque ainda a fundação do Movimento Negro Unificado - MNU, em 1978, com uma nova geração de militantes negros, tais como Flávio Carrança, Hamilton Cardoso, Vanderlei José Maria, Milton Barbosa, Regina Lúcia dos Santos e Luíz Silva (Cutti). Lélia Gonzalez e Beatriz Nascimento, pioneiras do feminismo negro e pensadoras negras de suma importância, também fizeram parte do MNU, além de inúmeros jovens negros ativistas que atualizam os debates das questões étnico-raciais por diferentes redes da internet.” (SME - SP / COPED, 2022, p.140)

+ NO
CHÃO
DA ESCOLA



PRA VOCÊ EDUCADOR(A) LITERATURA PARA INSPIRAR E EMBASAR

A autora Bárbara Carine, sugerida na seção anterior, é também idealizadora da Escola Maria Felipa, primeira escola afro-brasileira registrada em uma Secretaria de Educação, no Brasil.

Sua obra, **Como ser um educador antirracista: Para familiares e professores** (2023), “longe de ser um manual com fórmulas prontas, o livro [...] faz um convite aberto para o leitor conhecer e desenvolver práticas antirracistas em sala de aula e na vida”.



Assim, é impossível conhecer o Brasil sem considerar sua formação afro-brasileira como fundamento, como reforça o antropólogo, professor e pesquisador, Kabengele Munanga, especialista em relações raciais:

“O resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra interessa não apenas aos alunos de ascendência negra. Interessa também aos alunos de outras ascendências étnicas, principalmente branca, pois ao receber uma educação envenenada pelos preconceitos, eles também tiveram suas estruturas psíquicas afetadas. Além disso, essa memória não pertence somente aos negros. Ela pertence a todos, tendo em vista que a cultura da qual nos alimentamos cotidianamente é fruto de todos os segmentos étnicos que, apesar das condições desiguais nas quais se desenvolvem, contribuíram cada um de seu modo na formação de riqueza econômica e social e da identidade nacional”. (MUNANGA, 2005, p.16).

Ao chegarem ao Brasil, era imposto que os(as) escravizados(as) aprendessem o português, recebessem o batismo católico, bem como assumissem uma série de posturas que agradasse os colonizadores.

Contudo, as referências culturais africanas permaneceram junto aos escravizados(as) e somaram-se aos elementos das culturas portuguesa e indígena. Deste modo, a partir da diáspora africana forçada, novas culturas se formaram. Juntamente com pessoas escravizadas, os navios negreiros desembarcaram no Brasil: modos de vida, práticas religiosas, línguas, manifestações artísticas, técnicas de agricultura, mineração e manejo de metais, além de outros conhecimentos e saberes ancestrais.

Valorizar suas identidades, saberes, lutas e vitórias, é reconhecer os povos africanos, assim como os povos originários indígenas, como sujeitos históricos ativos na formação da sociedade brasileira, tendo consciência das marcas estruturais históricas e compreendendo que mesmo com o fim do período escravocrata, a luta e a resistência da população afro-brasileira permanecem até os dias de hoje, devendo ser, a luta e a educação antirracista, um compromisso de todos(as).

MÃE ÁFRICA JÁ DIZIA

66

ATÉ QUE OS LEÕES TENHAM SEUS PRÓPRIOS HISTORIADORES,
A HISTÓRIA DA CAÇA SEMPRE GLORIFICARÁ O CAÇADOR.

99



Referências

CASALI, Rodrigo. **Diáspora Africana e América Portuguesa entre o Século XVI e meados do Século XIX**. UNIFAC, 2016. Disponível em: <https://unifac.edu.br/images/materiais_de_apoio/2016/ed_fisica/prof_casali/diaspora_africana.pdf> acesso em 06 dez. 2023.

MACEDO, José Rivair. **Desvendando a história da África**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

MUNANGA, Kabengele. **Superando o Racismo na Escola**. 2 ed. revisada. Brasília: MEC; SECAD, 2005.

OLIVER, Roland. **A experiência africana: da pré-história aos dias atuais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994. Capítulos 1 a 4.

PEREIRA, José Maria Nunes. **O continente africano: perfil histórico e abordagem geopolítica das suas macrorregiões**. In: BELLUCCI, Beluce. (Org.). Introdução à história da África e da cultura afro-brasileira. Rio de Janeiro: UCAM/CEAA – CCB, 2003.

RAMOS, Rodrigo Maciel. **A ancestralidade: construção e aquisição de identidades africanas no Brasil realizadas a partir da cultura do Candomblé**. Pesqui. prá. psicossociais, São João del-Rei, v. 16, n. 2, p. 1-16, jun. 2021. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082021000200006&lng=pt&nrm=iso> acesso em 04 jan. 2024.

SÃO PAULO, SP. Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. **Currículo da cidade: educação antirracista: orientações pedagógicas: povos afro-brasileiros**. São Paulo: SME / COPED, 2022. Disponível em: <<https://acervodigital.sme.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/2023/04/Curriculo-da-Cidade-Ed.-Antirracista.pdf>> acesso em 06 dez. 2023.

SCARAMAL, Eliesse (org.). **África em Arte-Educação**. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2015. (Centro Integrado de Aprendizagem em Rede - CIAR). Disponível em: <<https://africaarteeducacao.ciar.ufg.br/modulo3/index.html>> acesso em: 1 dez. 2023.

SLEENES, R. W. **Africanos centrais**. In L. M. Schwarcz & F. Gomes (Orgs.). Dicionário da escravidão e liberdade (pp. 64-70). São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SOUZA, Irene Sales de e MOTTA, Fernanda P. de Carvalho. **Discutindo sobre a diversidade étnica e cultural nas práticas pedagógicas**. In : Cadernos de Formação – Fundamentos Sociológicos e Antropológicos da Educação, Org. Dagoberto José Fonseca, São Paulo: Programa Pedagogia Cidadã, PROGRAD, UNESP, 2003.

THOMAZ, Fernanda. **Um Breve Passeio pela História e Culturaa Africanas**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2022. 75 p. Disponível em: <<https://www2.ufjf.br/editora/wp-content/uploads/sites/113/2022/11/Um-breve-passeio-pela-historia-e-cultura-africanas-Fernanda-Thomaz.pdf>> acesso em 06 dez. 2023.

CAPÍTULO II

ANCESTRALIDADE, IDENTIDADE, DIVERSIDADE

ADINKRA ODO NNYEW FIE KWAN

Símbolo da devoção, fidelidade e do poder do amor. Do provérbio: Odo nyera fie kwan. Tradução: O amor ilumina seu próprio caminho, nunca erra o caminho de casa.



2.1 Ancestralidade

Tudo que te compõe chegou a você pelos seus antepassados (KPOHOLO, 2022). A ancestralidade envolve esta conexão, com todos os que viveram antes de nós, pois sem eles, não existiríamos. Envolve a conexão com o presente, com quem vive hoje e com todos os membros vivos de sua linhagem. E nos conecta com o futuro, com as pessoas que viverão depois de nós, até mesmo com aqueles que ainda nem se pensou em conceber.

Todos(as) estamos conectados(as) por meio de uma teia de relações e memórias que transcende o espaço e o tempo e nos permite mudar o futuro de forma mais saudável. Assim, o nosso modo de vida impactará não só o presente, como as futuras gerações (Diáspora Black, 2022).

Podemos dizer que o futuro é ancestral e quando falamos em preservação dos recursos naturais é preciso olhar para trás e observar como os nossos ancestrais africanos

cuidavam e respeitavam o meio ambiente, gerenciando estes recursos de forma sábia, para que as futuras gerações também pudessem usufruir de forma responsável. Isso vem de encontro com o conceito de sustentabilidade, podendo dizer que o futuro não somente é ancestral, como a sustentabilidade é o futuro. (KPOHOLO, 2022).

A ancestralidade revela-se como base da organização social, cultural e política dos povos africanos e entre tantas profundidades que ela carrega, como forma de respeito e conexão com antepassados e suas histórias, e compreendendo, ainda, que as diversas crenças com seus rituais expressam formas de compreensão do mundo, as religiões de matriz africana no Brasil resistem de geração em geração. Como afirma Janaína Grasso (2015) em sua entrevista para o portal Geledés, elas “[...] têm tradição, fundamentos, origem, memória, história, estrutura [...]”. São heranças culturais.”

Grasso (2015) traz ainda a reflexão que “conhecer toda a riqueza e complexidade que existem nelas implica em assumir uma conduta a favor do direito a equidade, já que essas religiões tem como eixo fundamental a coletividade e pluralidade.”

Em uma sociedade construída estrutural e simbolicamente com o cristianismo enquanto base para os seus valores e para a compreensão do que é divino e divindade, na qual, as outras formas de expressão da fé precisaram se sincretizar para sobreviverem, “as religiões de matriz africana, o candomblé e a umbanda, se mantêm vivas graças a muita resistência. Elas enfrentam um racismo e discriminação secular.” (GRASSO, 2015).

**NO
CHÃO
DA ESCOLA**

**PRA VOCÊ
EDUCADOR(A)!**

**AMPLIANDO
REPERTÓRIO**



No vídeo, Katiúscia Ribeiro explica a ancestralidade e sua presença na cultura diaspórica - O Futuro é Ancestral.



No canal Axovi Educação, assista ao vídeo “O que é Ancestralidade?” e entenda a diferença entre ancestrais e ancestralidade a partir da visão de mundo africana.

“Ancestralidade é outro ponto fundamental que não pode ser negligenciado. Nas religiões de culto aos orixás, os mais velhos têm função fundamental na vida da casa. É com os mais velhos que se aprende a respeitar hierarquia numa casa de candomblé, que se aprende a ter paciência e o aprendizado vem com o tempo.” (GRASSO, 2015)

Na África Antiga, destacamos os griôts, guardiões de tradições milenares, contadores de histórias e mensageiros oficiais. Eles percorriam os territórios para firmar acordos comerciais por meio da fala e também ensinavam às crianças de seu povo o uso de plantas medicinais, os cantos, danças tradicionais e as histórias ancestrais. Os griôts (homens) e as griottes (mulheres) viviam em diversos povos do continente e, atualmente, continuam presentes em muitos lugares da África Ocidental.

E o termo Griô é universalizante, porque ele em si já é extraído do termo Griôt, que por sua vez define um arcabouço imenso do universo da tradição oral africana. É uma corruptela da palavra “Creole”, ou seja, Criolo, a língua geral dos negros na diáspora africana. Foi uma recriação do termo gritadores, reinventado pelos portugueses quando viam os griôs gritando em praça pública. Foi utilizado pelos estudantes afrodescendentes franceses para sintetizar milhares de definições que abarca. O termo griô tem origem nos genealogistas, poetas e comunicadores sociais, mediadores da transmissão oral, bibliotecas vivas de todos os saberes e fazeres da tradição, sábios da tradição oral que representam nações, famílias e grupos de um universo cultural fundado na oralidade, onde o livro não tem papel social prioritário, e guardam a história e as ciências das comunidades, das regiões e do país. Em África, existem termos em cada grupo étnico: dioma, dieli, funa, rafuma, baba, mabadi. Os primeiros povos do Brasil também reconhecem no termo Griô a definição de um lugar social e político na comunidade para transmissão oral dos seus saberes e fazeres, a exemplo dos Kaingang do Sul, dos Tupinambá das Aldeias Tukun e Serra Negra (BA) e os Pankararu de Pernambuco, os Macuxi em Roraima, e tantos outros que participam da Rede Ação Griô Nacional contam sobre os morubixabas, Kanhgág Kanhró, e o Griô contempla todos. (O que é Griô | graosdeluzegrio.org.br)

Nêgo Bispo não foi considerado um griôt, mas viveu ensinando e honrando sua ancestralidade. Trazia em seu discurso vivências passadas, presentes e futuras, traduzindo assim o maior significado de ancestralidade.



Nêgo Bispo. Foto: Divulgação

66

MESMO QUE QUEIMEM A ESCRITA
NÃO QUEIMARÃO A **ORALIDADE**,
MESMO QUE QUEIMEM OS SÍMBOLOS
NÃO QUEIMARÃO OS **SIGNIFICADOS**,
MESMO QUE QUEIMEM OS CORPOS
NÃO QUEIMARÃO A **ANCESTRALIDADE**.

99



Filósofo, poeta, escritor, professor e líder quilombola, Nêgo Bispo atuou em movimentos sociais e escreveu artigos e livros sobre a história de luta do povo negro. Saiba mais sobre o autor Antônio Bispo dos Santos, na Enciclopédia de Antropologia da USP, disponível em:



2.2 Identidade: Saberes e Contos de África

Quando falamos em identidade, isso se refere à como nos enxergamos, como indivíduos e como parte de um grupo, o que também está relacionado à maneira como somos enxergados pelos outros. Para que as identidades de um grupo sejam estruturadas, leva-se em conta aspectos como um passado em comum, língua e valores compartilhados. As identidades não são fixas ou únicas, elas podem mudar ao longo do tempo e podem ser muitas para um mesmo indivíduo. A oralidade marca a base das relações sociais, principalmente, para a representação e a compreensão do passado, para muitos povos africanos.

Aqui no Brasil, podemos ver semelhanças entre os griôts e os repentistas, que também se utilizam da oralidade contando histórias para manter vivas as culturas.

No espaço pedagógico “África: Diversidade Ambiental, Identidade e Ludicidade”, da EMEA Parque Tangará, as linguagens, saberes e culturas de África são apresentadas através de contos, tecidos, instrumentos musicais, painéis e totens sobre países africanos que também falam o português entre as línguas oficiais, com destaque para características da cultura local, brincadeiras e curiosidades.

Vale destacar a presença de palavras, alimentos e demais costumes presentes em nosso cotidiano com origens africanas, que também são apresentados no espaço, através de atividades interativas.



Você conhece o
Museu da Língua
Portuguesa de São
Paulo?



E o Museu Afro
Brasil Emanuel
Araújo?

Dois locais que valem muito a pena visitar e aprender
mais sobre a formação do Brasil e nossas identidades
linguísticas e culturais!

ADINKRA ASASE YE DURU

Símbolo da prudência e da divindade Mãe Terra. Representa a importância da terra no sustento da vida.

Vem do provérbio: Asase ye duru se po. Que significa:

A Terra tem seu peso, é mais pesada que o mar.

Países africanos que falam a língua portuguesa





ANGOLA

OUTRAS LÍNGUAS

Kongo, Chokwe,
Umbundu, Kimbundu



CABO VERDE

OUTRAS LÍNGUAS

Crioulo cabo-verdeano



GUINÉ-BISSAU

OUTRAS LÍNGUAS

Crioulo Guiné-Bissau



GUINÉ EQUATORIAL

OUTRAS LÍNGUAS

Espanhol, Francês, Fang,
Bube, Annobonese



MOÇAMBIQUE

OUTRAS LÍNGUAS

Swahili, Makhuwa, Sena



SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

OUTRAS LÍNGUAS

Forro, Angolar, Principense

ADINKRA NYAME DUA
“Árvore de Deus”,
símbolo da presença e
da proteção divina.

Língua “pretuguesa”

Sabia que palavras como cafofo, bunda, cafuné, fulano, entre tantas outras, chegaram a partir do continente africano ao Brasil? Atualmente, são mais de 2.500 palavras de origem africana, em nosso idioma.

O português brasileiro está mais para “pretuguês”, como batizou Lélia Gonzalez, a intelectual, ativista, professora e antropóloga, que nasceu em Minas Gerais e foi fundadora do Movimento Negro Unificado. Gonzalez criou o termo para pensar a formação da identidade cultural brasileira por meio das palavras e a sonoridade da fala vindas de idiomas africanos.



Lélia Gonzalez. Imagem: Domínio Público.

O pretuguês reforça a beleza da fala cotidiana das pessoas simples. Diminuir socialmente quem troca o L pelo R, justificando que a pessoa não sabe falar português direito demonstra que, aquele que menospreza desconhece a história e identidade linguística africana que formaram a nossa língua. Como a própria pensadora nos faz refletir:

6 6

Ignoram que a presença desse R no lugar de L nada mais é que a marca linguística de um idioma africano, no qual o L inexistente. (...) Ao mesmo tempo acham o maior barato a fala dita brasileira, que corta os erres dos infinitivos verbais, que condensa ‘você’ em ‘cê’, o ‘está’ em ‘tá’ e por aí afora. Não sacam que estão falando pretuguês. (GONZALES, Lélia. In: LIMA e RIOS, 2020)

9 9



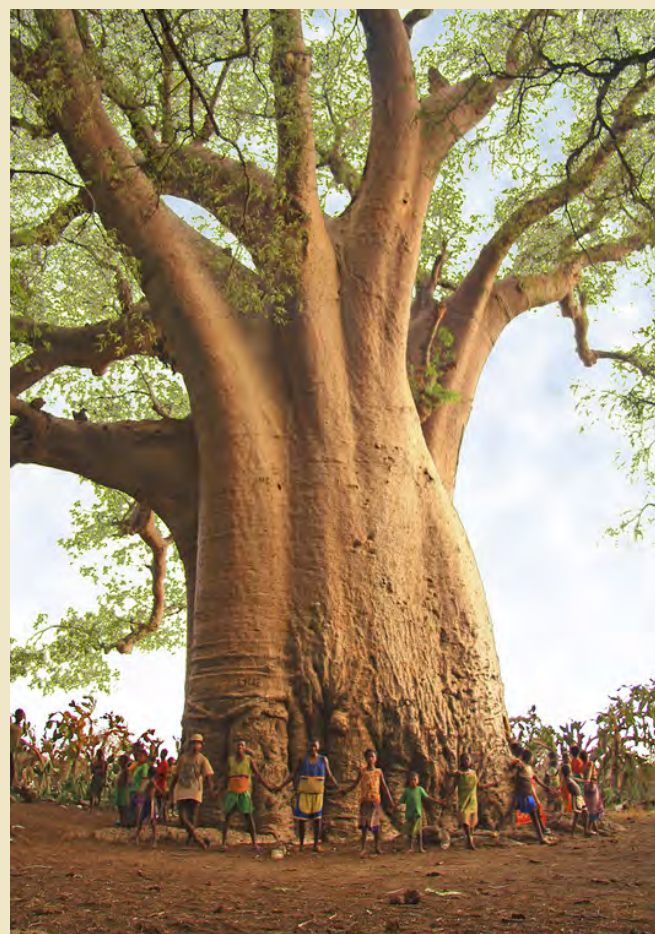
Assista esse vídeo do Projeto Perfil, que traz a memória oral de grandes personalidades brasileiras. O vídeo aborda a vida da antropóloga, escritora, professora e militante do Movimento Negro, Lélia Gonzalez.

Baobá

Falando em contos e oralidade, no “Espaço África”, na EMEA Parque Tangará, embaixo de um baobá cenográfico, diversos livros voltados para o público infantil ressaltam a importância dos contos, orais e escritos, de origem africana e afro-brasileiros. Estes volumes celebram os contos como experiências humanas que ecoam através dos tempos e que têm enriquecido as vivências de diversos povos ao longo da história.



Imagem Divulgação, arquivo EMEA Parque Tangará (2024)



Baobá, Madagascar. Imagem TreeGirl - Intimate Encounters with Wild Nature, disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/570198002805969493/>

A gigante Baobá é uma das mais antigas espécies do planeta, pois pode viver cerca de 6 mil anos. Ela é a árvore com a maior circunferência de tronco, podendo atingir 20 metros de diâmetro e possui a capacidade de armazenar, em seu caule gigante, mais de 100 mil litros de água. Também é conhecida como “árvore garrafa” podendo alcançar 30 metros de altura.

No Senegal, o baobá é sagrado, sendo utilizado como fonte de inspiração para contos, ritos e poesias. Diante delas, nativos se reuniam porque acreditavam que o espírito do Baobá os ajudaria a tomar decisões

importantes. Segundo uma antiga lenda africana, se uma pessoa for sepultada dentro de um baobá, sua alma viverá enquanto a árvore existir.

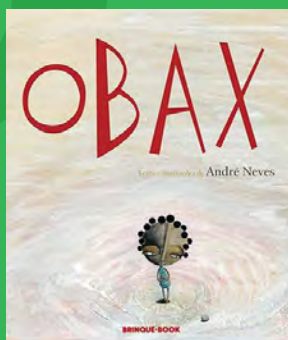
As folhas jovens têm substâncias medicinais. O fruto, que é popularmente chamado de múcua, ou pão-de-macaco, tem uma polpa seca e uma semente comestível, com sabor agridoce e levemente ácido.

Uma das principais curiosidades a respeito dessa árvore tão especial é que seu tronco é oco. Muitas lendas africanas procuram explicar esse fenômeno.



Homem recolhe frutos do baobá. Imagem por Richard Nyberg, USAID.

+ NO
CHÃO
DA ESCOLA



SUGESTÃO DE LITERATURA

Livro: *Obax*
Autor e ilustrador: André Neves
Editora: Brinque-Book

2.3 Diversidade

Tecidos africanos

Os tecidos africanos cheios de cores trazem a história por trás da estética, apresentada com estampas repletas de significado, que servem como veículos de legitimação e expressão do poder cultural dos povos e indivíduos.

Tradicionalmente, as pessoas da realeza e líderes espirituais tinham acesso aos tecidos para uso em ocasiões especiais e durante funerais. Hoje, apesar de continuar reservado para eventos tradicionais, o uso se popularizou.

É difícil encontrar um objeto com tantas possibilidades de uso e tão democrático quanto estes panos retangulares de algodão (e, em muitos casos, com mistura de fibras sintéticas) de cores vibrantes.



Imagem: Reprodução My Guide



QUE A ORIGEM DO NOME DAS CANGAS QUE UTILIZAMOS NO BRASIL É AFRICANA?

Os tecidos fazem parte do cotidiano de muitos povos em todo o continente. No Quênia, que fica na África Ocidental, eles se chamam 'kanga'. No Congo e no Senegal, estes tecidos são conhecidos como 'pagne' e em Moçambique são 'capulanas'.

Os padrões de cores e formas constroem significados nos tecidos, conheça alguns tipos de padronagens:



Kente os tecidos dos Reis Africanos. Foto: geledes.org.br

Historicamente, o **tecido kente** era um símbolo da realeza dos povos ashanti, os mais conhecidos dentre os povos akan de Gana, na região ocidental da África. Durante séculos, era o rei quem controlava a sua produção, mas ao longo do tempo, seu uso foi permitido a outras pessoas. Apremo (Canon) é um tipo de pano Kente que

simboliza as estratégias de guerra e a resistência contra a dominação estrangeira. No que diz respeito às cores, a azul, a verde, a amarela, a vermelha e a magenta são típicas dos tecidos usados pelos homens. Já as mulheres usam tecidos menores, mas com um padrão geométrico que se assemelha ao masculino.



A **Samakaka** é mais do que um tecido. Ela é um símbolo da cultura angolana, mais especificamente do povo Mumuías, originário da Huíla, no sul do país.

As cores também comunicam. O vermelho representa o sangue derramado durante muitos anos de guerra, em Angola. O preto simboliza o luto pelas vidas perdidas durante os conflitos. O branco representa a esperança e a busca pela paz. A cor amarela simboliza a busca contínua pela prosperidade e a luta pela reconstrução da economia, desafios ainda enfrentados pela sociedade angolana.

Os povos Akan, que hoje ocupam os territórios de Gana e Costa do Marfim, além da intensa extração e comércio de ouro, são mundialmente conhecidos pela tecelagem. Além do Kente e da Samakaka, os ideogramas Adinkra também são representados em panos tradicionais.

Adinkras

Adinkra significa “adeus” e sua simbologia é composta por um conjunto de mais de 90 símbolos que trazem significados relacionados a provérbios, valores e conceitos que orientam o modo de viver em sociedade.

Conta a história oral que os símbolos Adinkra foram originalmente criados para o Rei Nana Kwadwo Agyemang Adinkra, do povo Akan: Abrons de Gyaaman, em Gana. O pano de Adinkra foi usado pelo Rei de Gyaaman, além dos símbolos serem esculpidos em peças de ferro usadas para pesar o ouro, talhados em bancos reais e em peças de madeira que anunciavam a soberania dos reinos.

NO
CHÃO
DA ESCOLA

PRA VOCÊ EDUCADOR(A)! AMPLIANDO REPERTÓRIO



Saiba mais sobre Adinkras, seus símbolos, significados, provérbios e pronúncias.

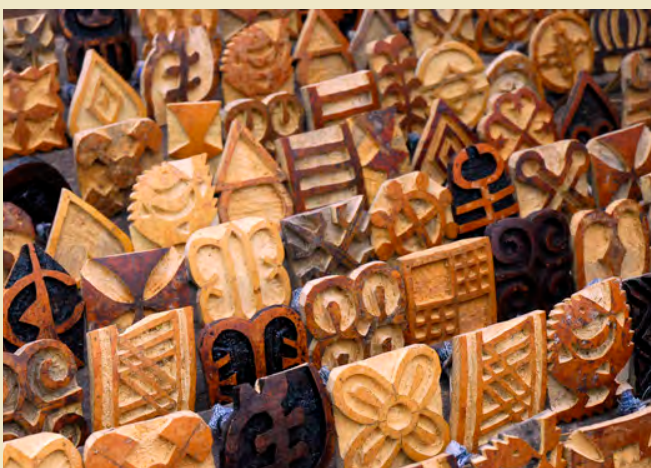


E também na página Ocupação Abdias Nascimento, do Itaú Cultural.

“Abdias Nascimento é [...] um dos maiores griôts que o Brasil já teve no contexto das questões raciais. Seu legado é vivo e respeitado por aqueles que o sucederam na luta” - Itaú Cultural. Aproveite a página para conhecer as obras, legado e ensinamentos de Abdias!



Produção de tinta natural para uso em tecidos adinkra.
Imagem: AFREKA.
<http://www.afreaka.com.br/notas/adinkra-um-dicionario-de-valores-na-arte-dos-carimbos/>



Carimbos feitos em cabaça. **Imagem:** ArtProf - Obra do próprio, CC BY-SA 3.0
https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%ADmbolos_Adinkra#/media/Ficheiro:Adinkra-CalabashStamps.jpg

Os símbolos formam padrões geométricos, criados usando carimbos esculpidos em cabaça ou feitos de metal e tinta natural à base de vegetais, que depois são impressos no pano de algodão.

Com o tempo, os adinkras passaram a ser utilizados em roupas de uso cotidiano, jóias, objetos etc. sendo um conhecimento que transpôs os oceanos, chegando ao continente europeu através da exploração da riqueza africana e no Brasil, através das pessoas escravizadas. O adinkra que encontramos com mais facilidade pelas cidades brasileiras é o de nome **Sankofa**, geralmente visto em portões e grades de metal em forma de um coração. Sankofa também é representado por um pássaro que volta a cabeça à cauda. O símbolo é traduzido por “retornar ao passado para ressignificar o presente e construir o futuro”.



Produção de padronagens em tecidos. **Imagem:** ArtProf - Obra do próprio, CC BY-SA 3.0,

ADINKRA ANANSE NTONTAN

A teia de aranha - Símbolo da sabedoria, criatividade, engenho e complexidades da vida. Inspirado na figura folclórica Ananse, a aranha esperta que ensina lições de vida.



AYA

Símbolo de resistência e perseverança.

Representa a samambaia, uma planta resistente que pode crescer em lugares difíceis. Ao usar o símbolo Aya, uma pessoa reforça a sua resistência nas dificuldades.



ASASEYE DURU

Símbolo da providência e da divindade da Mãe Terra.

O provérbio significa que a Terra tem seu peso, é mais pesada que o mar. Representa um lembrete para nutrir e respeitar o planeta, para a manutenção da vida.



SANKOFA

Símbolos da aprendizagem com o passado para construir o futuro.

São dois símbolos. O pássaro que voa para frente, para o futuro, sem esquecer do passado. E os corações, também encontrados em portões e janelas de metal, pelo Brasil, são símbolos de resistência e valorização da ancestralidade.



ANANSE NTONTAN

Símbolo da sabedoria e criatividade nas complexidades da vida.

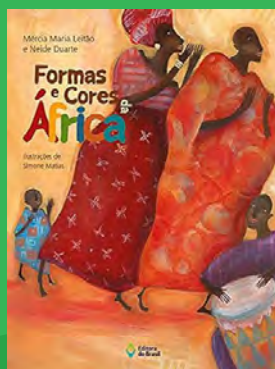
Representa a sabedoria e criatividade para construir algo tão complexo como uma teia de aranha. Também se refere à Ananse, uma aranha bem conhecida em contos populares africanos.

NO CHÃO DA ESCOLA

COMO DESDOBRAR ESSA TEMÁTICA TÃO RICA?

As rodas de conversas são bem-vindas para todas as faixas etárias, assim como, o exercício docente de observação e escuta ativa (até mesmo a escuta da comunicação que ainda não é verbal, como por exemplo, a dos bebês). Trabalhar a ampliação de conhecimentos só é possível quando oferecemos materiais e materialidades, observamos /escutamos

os saberes prévios e mediamos as reflexões e explorações. Para todas as faixas etárias podemos oferecer a exploração de estampas africanas. Certamente as crianças já viram esses símbolos e cores em algum lugar! Nestes processos, as literaturas são excelentes aliadas como elementos disparadores de pesquisa.



SUGESTÃO DE LITERATURA

Livro: Formas e Cores da África

Autoras: Mércia Maria Leitão e Neide Duarte

Ilustradora: Simone Matias

Editora do Brasil

O livro é rico em estamparia africana, entre outros elementos como máscaras e instrumentos.



Corporeidade e musicalidade

Brasil e África se conectam social e culturalmente, por meio da história, da ciência, da linguagem, da religiosidade e das manifestações artísticas. O espaço pedagógico construído na EMEA Parque Tanguará, destaca alguns destes elementos, sua relação com a natureza e a sociedade.

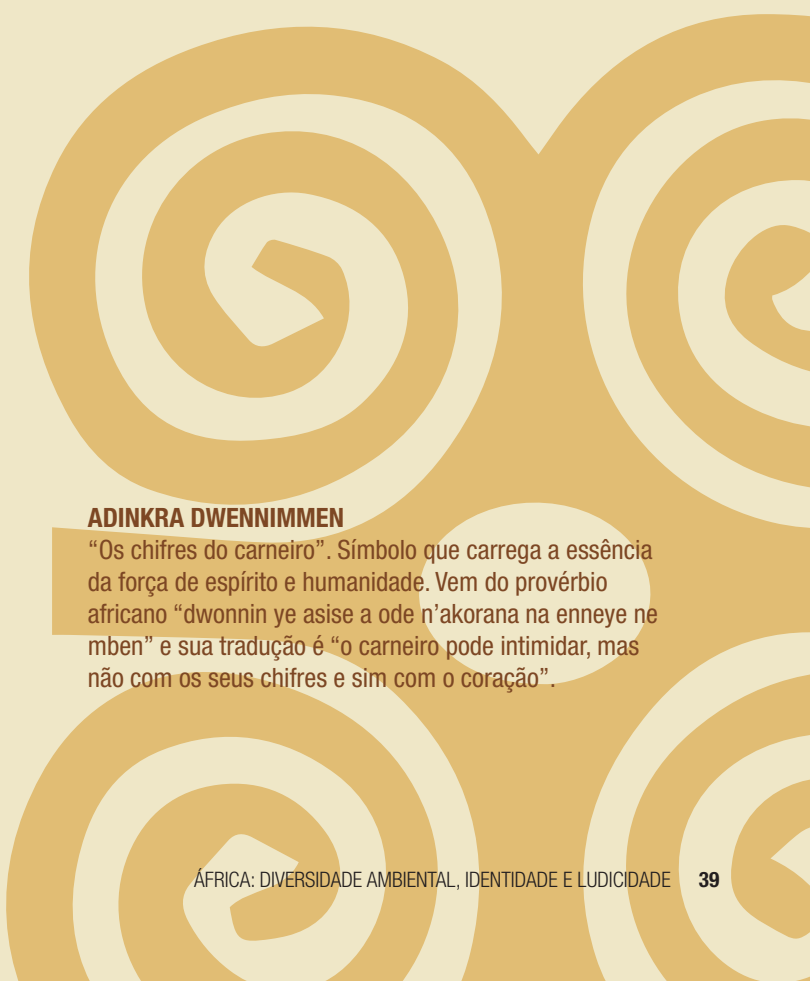
A **música** e a **dança** são modos de expressão da resistência, preservação e disseminação cultural dos povos negros, para quem a vida e a arte se misturam. Assim como os indígenas, na América do Sul, nos territórios do continente africano viviam e vivem diversos povos com tradições e crenças diferentes. Uma destas tradições é a música. A música africana é muito antiga e diversificada. Apesar do continente possuir diversos países e culturas diferentes, na dança eles apresentam pontos em comum na maioria dos povos, como: a organização em círculos, semicírculos ou fileiras; a participação de todos(as), independentemente da idade ou escala social na comunidade e o acompanhamento de instrumentos de percussão e batuques de tambores. Assim, as músicas estão presentes em diferentes momentos: se relacionam com o louvor às divindades, com a exaltação dos feitos de um herói ou de um povo, como forma de suavizar um trabalho árduo, ou manifestar sentimentos. Presentes do nascimento à morte: nos cânticos religiosos e trabalho, nos acalantos, na animação e dança, ou encorajamento nas revoltas. A dança africana desenvolvida no Brasil tem suas matrizes no binômio África Ocidental e África Banta, sendo divididas em:

- Dança, principalmente, dos Yorubás, como as danças dos orixás e voduns, realizada durante rituais e ricas em mímica e teatralidade;

- Dança dos Bantu, tem origem nas danças africanas propiciatórias de fertilidade, caracterizada com danças em círculo e as danças de cortejo, em geral lúdicas, também conhecidas como “danças dramáticas”.

Vários estilos de danças brasileiras foram influenciados diretamente pelos africanos, como: a congada, o jongo, o maracatu, o maculelê, o moçambique, o samba de roda e até mesmo o jogo da capoeira, entre outras.

O samba, expressão cultural considerada patrimônio cultural imaterial brasileiro, surgiu nas comunidades afro-brasileiras do Rio de Janeiro, no início do século XX, nascendo da mistura de ritmos portugueses com o Lundu africano.



ADINKRA DWENNIMMEN

“Os chifres do carneiro”. Símbolo que carrega a essência da força de espírito e humanidade. Vem do provérbio africano “d’wonnin ye asise a ode n’akorana na enneye ne mben” e sua tradução é “o carneiro pode intimidar, mas não com os seus chifres e sim com o coração”.

NO CHÃO DA ESCOLA

POSSIBILIDADES • SUGESTÕES DE VIVÊNCIAS



Acesse o QR-Code e utilize o conteúdo para trabalhar os componentes curriculares de História, Geografia e tantas outras possibilidades de modo interdisciplinar, a partir de 32 imagens da história do samba.



Pelo Telefone (1916), de autoria de Ernesto dos Santos, o Donga (1890 - 1974) e Mauro de Almeida (1882-1956), o Peru dos Pés Frios, é considerado o primeiro samba a ser gravado no Brasil. Disponível no Acervo de Música e Arquivo Sonoro da Biblioteca Nacional. Acesse o QR-Code para ouvir, com sua turma.



Acesse o QR-Code para ouvir uma versão mais atual, com Martinho da Vila, em Álbum de 1973.

SUGESTÃO DE EXPLORAÇÃO



Você conhece Heitor dos Prazeres? Ele nasceu e viveu no Rio de Janeiro, de 1898 a 1966. Foi compositor e pintor. Importante nome da cultura popular brasileira, como músico, participa da fundação de grandes escolas de samba cariocas, como Portela e Mangueira. Descendente de negros baianos que migraram para o Rio de Janeiro, retrata na pintura as rodas de samba, as favelas, os rituais de candomblé, os bailes e as festas populares, a partir de cenas do cotidiano da população negra no subúrbio da cidade.

Para todas as idades, com as suas devidas profundidades e contextos investigativos, é possível explorar elementos artísticos, instrumentos e manifestações culturais como: carnaval, rodas de samba, jongo e bailes por meio das obras de Heitor dos Prazeres.



Confira um samba em libras, por Anne Magalhães.
Realizado pela Janela Produtora - @janelaprodutora.com

Conforme define Nei Lopes, em Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana, o patrimônio imaterial está relacionado aos saberes, às habilidades, às crenças, às práticas e ao modo de ser das pessoas.

Na lista de bens imateriais brasileiros estão: a Festa do Círio de Nossa Senhora de Nazaré, a Feira de Caruaru, o Frevo, a Capoeira, o modo artesanal de fazer queijo de Minas, as matrizes do Samba no Rio de Janeiro, entre outros.

Um pensamento tradicional em diversas regiões africanas é a concepção de que tudo no universo tem um ritmo. Assim como o corpo é marcado pela respiração, a dança é marcada pela música.

Os **instrumentos musicais** são os responsáveis pelo ritmo e a melodia, sendo os de percussão, com variados timbres e formas, os mais utilizados nas músicas de origem africana.

As culturas africanas utilizam o tambor como um elemento de união e comunicação. No Brasil, as pessoas escravizadas se reuniam e se comunicavam no ritmo

dos tambores, que também eram considerados seres “falantes” pois podiam invocar divindades, transmitir mensagens e até revelar esconderijos. Como algumas práticas foram proibidas, os africanos foram forçados a adaptar suas culturas e crenças aos costumes europeus. No século XX, a partir de matrizes norte-americanas, como o blues e jazz; da influência cubana, como a rumba; e da brasileira, como o samba e bossa nova; a música negra tornou-se popular, materializando a influência da diáspora africana em quase todo o mundo e mesmo assim, ainda sofre preconceitos até os dias atuais.

As culturas africanas estão intimamente ligadas com recursos da natureza, tecnologias ancestrais e sustentabilidade. Os instrumentos musicais são construídos por meio de técnicas usando materiais naturais, que usam da física e da matemática para gerar sons únicos. Destacamos alguns instrumentos musicais de origem africana que compõem o espaço pedagógico da EMEA Parque Tangará, bem como algumas referências de sons que eles produzem:



QUE NO BRASIL,
MUITOS INSTRUMENTOS
DE ORIGEM AFRICANA
COMPUSERAM A
FORMAÇÃO DE NOSSAS
MÚSICAS?

O atabaque, adufe, berimbau, agogô, caxambu, cucumbi, fungador, ganá, gongon, mulungu, marimba, puíta, piano de cuia, quissanje, roncador, pererenga, socador, tambu, ubatá, vuvu, vu, xequerê (xeguedê) e triângulo são alguns desses instrumentos. Além de outros instrumentos contemporâneos, como: cuica, reco-reco e vários tipos de chocalhos, ilu, zabumbas e matracas.



Acesse o QR-Code
para ouvir

DJEMBÊ

É um instrumento de percussão com origem no grande Império Mali, no século XII. É oriundo das culturas Mandingo, Bambara e Malinke. A sonoridade, a mística, a forma e a ornamentação deste instrumento conquista-nos facilmente. Continua a ser um instrumento muito popular em países da África Ocidental, como Mali, Guiné, Burkina Faso e Senegal.



Acesse o QR-Code
para ouvir

TAMBOR FALANTE

Este tambor, da África Ocidental, tem forma de cilindro e sua altura pode ser regulada, sendo também chamado de “Tambor de ampulheta”. Pode produzir sons informativos extremamente complicados para transmitir mensagens. A habilidade de mudar a altura do cilindro é semelhante à da linguagem tonal de algumas línguas africanas.



Acesse o QR-Code
para ouvir

BERIMBAU

Instrumento afro-brasileiro, presente, principalmente, nas rodas de capoeira - dança/jogo/luta - criada como defesa, disfarçada de momentos de descontração entre as pessoas escravizadas em terras brasileiras. Compõe-se de um arco envergado com arame e uma cabaça aberta acoplada como caixa de ressonância. Utiliza-se uma baqueta de madeira para bater no arame, uma pedra ou dobrão (moeda de cobre) para variar os sons a cada batida, e um caxixi (tipo de chocalho) fazendo os intervalos dos toques, compondo a sonoridade.



Acesse o QR-Code
para ouvir

KALIMBA, QUISSANGE, MBIRA OU SANZA

Em alguns povos antigos da África, a kalimba é considerada um presente divino para acessar a sabedoria dos ancestrais através da espiritualidade despertada com o som relaxante.

Nas mãos de artesãos de Bali, ilha transcontinental da Indonésia, entre a Ásia e a Oceania, a riqueza cultural do instrumento é evidenciada com o desenvolvimento de uma versão contemporânea em madeira e coco adornada com pintura artesanal.



Acesse o QR-Code
para ouvir

AGOGÔ, BANTU DE GONGUÊ

Tem origem na música tradicional Yorubá, da África Ocidental. Foi trazido ao Brasil pelas pessoas escravizadas e utilizado em seus rituais religiosos e festas.

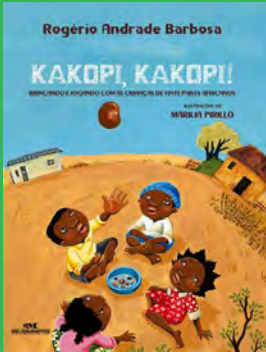
Na região nordeste do Brasil, é conhecido como bantu de gonguê e muito utilizado em práticas culturais como capoeira, maracatu e grupos de samba.

Brincadeiras

Quando falamos em promover vivências e aprendizagens sobre diferentes culturas, é essencial que as crianças conheçam as histórias e costumes de outros povos.

NO CHÃO DA ESCOLA

**POSSIBILIDADES
SUGESTÃO DE LITERATURA**



Kakopi, Kakopi:
**Doze brincadeiras indígenas
e africanas**

Autores: Rogério Andrade Barbosa e Yaguarê Yamã
Editora: Melhoramentos

As brincadeiras e os jogos nos conectam com os contextos sociais, com os povos e as nações, logo, conhecer essas brincadeiras e suas origens, amplia não apenas nossos repertórios lúdicos, como também, culturais, abrindo um leque de percepções sobre outros modos e filosofias de vida que se refletem na forma cooperativa de se relacionar durante as brincadeiras.

NO CHÃO DA ESCOLA

**PRA VOCÊ
EDUCADOR(A)!**

**AMPLIANDO
REPERTÓRIO**

Possivelmente, você já ouviu falar na filosofia Ubuntu, de origem africana, que parte da concepção que uma sociedade só funciona em cooperação. O conceito “ubuntu - eu sou porque nós somos” permeia as relações desde as mais tenras idades, estando presente também nas brincadeiras.



Acesse o QR-Code e confira um vídeo que nos conta um pouco mais.

O olhar para as brincadeiras e jogos africanos nos permite aprender com as singularidades e ampliar a compreensão do sentimento de pertencimento, intrínseco às culturas africanas e às suas brincadeiras, tão coletivas. Nos mostrando que a essência lúdica nasce do chão, do corpo, da mente e do olhar para dentro de si ao se conectar e interagir com o outro. Brincar com as crianças é um convite de resgate à nossa criança interior. É um convite a vivenciar momentos de alegria e liberdade, desprendendo-se de julgamentos.



QUE MUITAS BRINCADEIRAS TRAZIDAS PELAS PESSOAS AFRICANAS, SE TRANSFORMARAM, DANDO ORIGEM ÀS BRINCADEIRAS BRASILEIRAS?

Por exemplo, a brincadeira moçambicana chamada “Terra-Mar” se assemelha ao nosso famoso “Vivo ou Morto”. Assim como, a brincadeira “Mbube Mbube”, de Gana, é uma versão ainda mais elaborada da nossa “Cabra-Cega”. E quem já brincou de rolar pneus? Em Angola, esta é uma brincadeira bem comum.

NO CHÃO DA ESCOLA



Acesse o QR-Code e confira o material

E-book
“Brincadeiras Africanas para a Educação Cultural”
Débora Alfaia da Cunha; Castanhal, PA: Edição do autor, 2016

POSSIBILIDADES • SUGESTÃO DE LITERATURA



Em seu e-book, “Brincadeiras Africanas para a Educação Cultural”, a autora Débora Alfaia da Cunha nos apresenta 74 brincadeiras de origem africanas, seus respectivos países, as instruções de como brincar e ainda reflexões, conexões, propostas e sugestões que podem ser desdobradas e articuladas com diferentes conteúdos.

SUGESTÕES DE VIVÊNCIAS

Destacamos algumas brincadeiras que estão no livro indicado:

- **Terra e Mar (Moçambique)** - sugerido para Ed. Infantil, Ens. Fundamental e EJA
- **Pulando o feijão (Nigéria)** - sugerido para Ed. Infantil, Ens. Fundamental e EJA
- **Pegue o bastão (Egito)** - sugerido para 4º e 5º ano
- **Matakuzana (Moçambique)** - sugerido para 4º, 5º ano e EJA
- **Amarelinha africana (Moçambique)** - sugerido para 4º, 5º ano e EJA

MÃE ÁFRICA JÁ DIZIA

66

SE VOCÊ QUER IR RÁPIDO, VÁ SOZINHO. SE QUISER IR LONGE, VÁ ACOMPANHADO.

99



Referências

BEVILACQUA, Juliana Ribeiro da Silva. **O Tecido Kente dos Ashanti**. São Paulo: Museu Afro Brasil, 2012.

Disponível em: <<http://www.museuafrobrasil.org.br/docs/default-source/publica%C3%A7%C3%B5es/o-tecido-kente-dos-ashanti.pdf?sfvrsn=0>>. Acesso em: 08 jan. 2024.

BORGES, Gessica. **Enciclopédia Significados**. Cultura Africana: o que é, tradições e elementos. [S.l.]. Enciclopédia Significados, 2012. Arte e Cultura. Disponível em: <https://www.significados.com.br/cultura-africana/>. Acesso em: 15 jan. 2024.

CAES, André Luiz; PRECIOSO, Daniela; NOGUEIRA, Léo Carrer (org.). **África e religiões afro-brasileiras: dinâmicas e perspectivas (séculos XVIII-XXI)**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022. Disponível em: <<https://www.pimentacultural.com/livro/africa-religioes>>. Acesso em: 7 dez. 2023.

CARMO, Eliane Fátima Boa Morte do. **História da África nos anos iniciais do ensino fundamental: os Adinkra**. Salvador: Artegraf, 2016. Disponível em: <https://www.ufrb.edu.br/mphistoria/images/Disserta%C3%A7%C3%B5es/Turma_2014/Eliane_Fatima_Boa_Morte_Do_Carmo.pdf>. Acesso em: 6 jan. 2024.

DIÁSPORA. **O que é ancestralidade e o que ela pode nos ensinar sobre nós mesmos**. [S.l.]. Diáspora Black, 2022. Categoria: Cultura Negra. Disponível em: <<https://diaspora.black/blog/cultura-negra/o-que-e-ancestralidade-e-o-que-ela-pode-nos-ensinar-sobre-nos-mesmos>>. Acesso em: 3 mar. 2024.

GELEDÉS. **Kente os tecidos dos Reis Africanos**. [S.l.]. Geledés Instituto da Mulher Negra, 2017. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/kente-os-tecidos-dos-reis-africanos/>>. Acesso em: 15 nov. 2023.

GRASSO, Janaína. **Candomblé é tradição, ancestralidade e resistência**. Géledes Instituto da Mulher Negra, 2015. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/candomble-e-tradicao-ancestralidade-e-resistencia>. Acesso em: 18/03/2024

IPEAFRO. **Ações: Adinkra**. [S.l.]. Ipeafro, 2010. Disponível em: <<https://ipeafro.org.br/acoes/pesquisa/adinkra/>>. Acesso em: 30 nov. 2023.

KPOHOLO, Senakpon Fabrice Fidèle. Repositório Institucional UFJF. **As áfricas em sala de aula: possibilidades de viagens a partir do cinema africano**. [S.l.]. Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), 2019. Tese de Doutorado em Educação. Disponível em: <<https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/10846>>. Acesso em: 10 fev. 2024.



LIMA, Marcia; RIOS, Flavia (org.) **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

LOPES, Nei. **Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana**. São Paulo: Selo Negro, 2004.

LOPES, Nei. **História e cultura africana e afro-brasileira**. São Paulo, Barsa Planeta, 2008.

MACEDO, José Rivair. **Desvendando a história da África** [livro eletrônico] – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.
Disponível em <<https://static.scielo.org/scielobooks/yf4cf/pdf/macedo-9788538603832.pdf>> Acesso em: 05 jan. 2024.

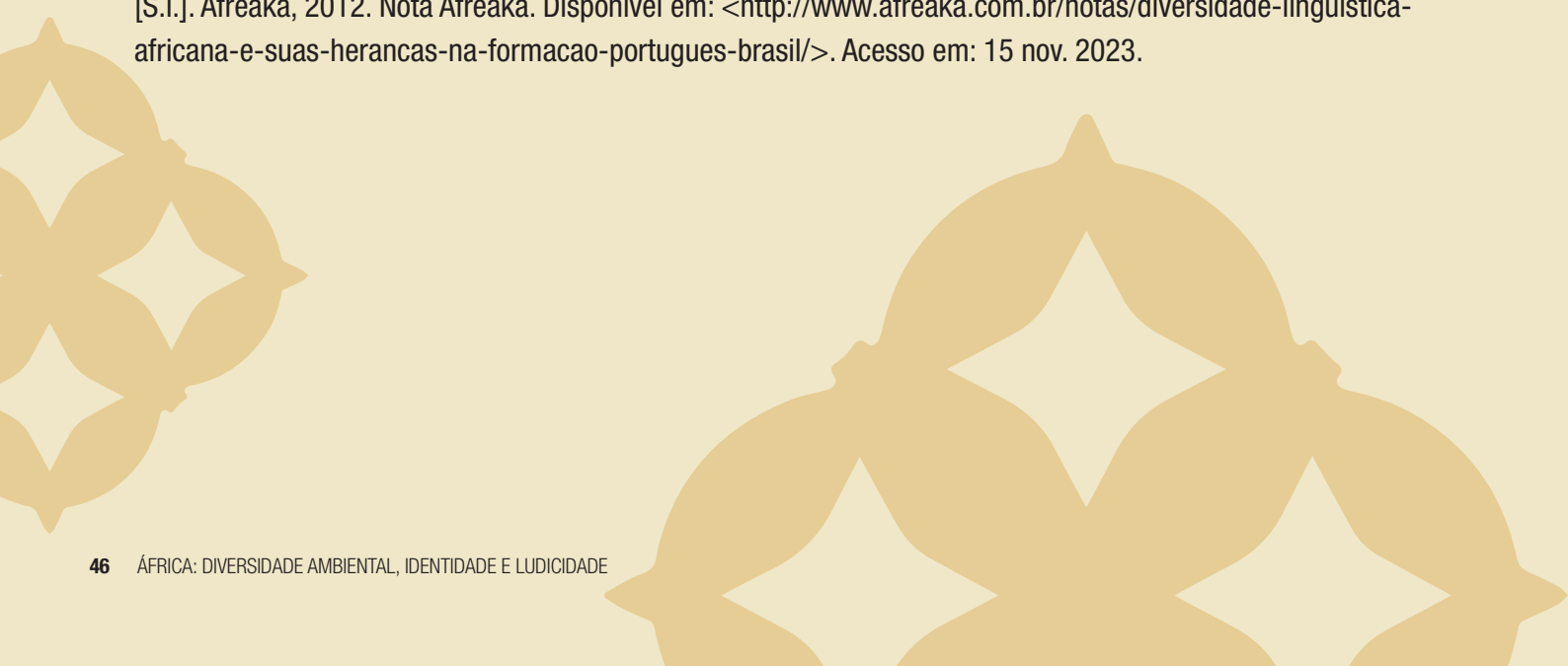
MARQUES, Lorena de Lima. Gov.br. **Diáspora africana, você sabe o que é?**. [S.l.]. Fundação Cultural Palmares, 2019. Atualizado em 2023. Disponível em: <<https://www.gov.br/palmares/pt-br/assuntos/noticias/diaspora-africana-voce-sabe-o-que-e>> . Acesso em: 03 jan. 2024.

MOCHI, E.A.dos S. **Jogos e Brincadeiras Africanas e Afro-Brasileiras no Espaço Escolar**. Revista NEIAB: Educação, religiosidade e Cultura na Perspectiva das relações Raciais, v.03, n.01, jul, 2019. Disponível em: <<https://www.sites.uem.br/neiab/revista-neiab/artigo-3.pdf>>. Acesso em: 02 jan. 2024.

MONGIM, Luciana Marquesini. **Conhecimento e atuação política: a arte e a ancestralidade africana**. Opiniões, São Paulo, n. 10, p. 18-29, jun. 2017. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/122208>>. Acesso em: 15 dez. 2023.

NASCIMENTO, E.L.;GÁ,L.C. **Adinkra: sabedoria em símbolos africanos**, 2ª ed., Rio de Janeiro, editora Cobogó: Ipeafro,2022. il,156p

PEREIRA, Flora. **A diversidade linguística africana e suas heranças na formação do português no Brasil**. [S.l.]. Afreaka, 2012. Nota Afreaka. Disponível em: <<http://www.afreaka.com.br/notas/diversidade-linguistica-africana-e-suas-herancas-na-formacao-portugues-brasil/>>. Acesso em: 15 nov. 2023.





ADINKRA ÉBANO

“Cerca”. Símbolo de segurança, proteção e amor.





CAPÍTULO III

DIVERSIDADE AMBIENTAL E AS RELAÇÕES HUMANAS COM A NATUREZA



3.1 Visão global dos africanos em relação à natureza

A forma de viver em um mundo globalizado está relacionada, de forma geral, com a concepção de domínio e transformação da natureza para obter proveito e poder econômico, refletindo, muitas vezes, em certa ostentação - naturalizada - de um “status social” e em uma lógica de competição e de distanciamento do olhar para os recursos naturais. Na essência da cultura africana, ao contrário, a

finalidade da existência humana, se relaciona com a visão de uma participação profunda e íntima com a natureza, sobrepondo-se aos desejos humanos. Assim, a arte de viver, para esta cultura, está ligada ao movimento de encontrar equilíbrio e harmonia entre os seres humanos e a natureza. De acordo com Domingos (2011), esta relação sempre guarda certa docilidade:



Esta docilidade fraternal aos ritmos da natureza é um dos aspectos mais originais da cultura Africana. Nesta atitude respeitosa para com a natureza se encontra um conjunto de valores positivos: a confiança na natureza infra-humana; a certeza pacífica de quem vivendo em harmonia com sua sábia conselheira, poderá usufruir das riquezas e repousar em seu doce ritmo; a primazia dos valores da natureza sobre os da técnica; a superioridade da fecundidade espontânea da natureza sobre as produções e técnicas artificiais; a estima da humilde comunhão com a vida, respeitada em seu profundo mistério. (DOMINGOS, 2011, p.2).

Para os africanos, a Terra, antes de ser o espaço do qual o ser humano se apropria, é sacralizada. A natureza e todos os seus elementos, como a água dos rios e da chuva, são sagrados. Este entendimento transborda o olhar de uma serventia econômica, compreendendo que os recursos que, hoje, nos servem, serviram aos antepassados e precisarão estar disponíveis para as gerações que virão, em uma relação ancestral.

Esta também é a concepção dos povos originários do Brasil. Africanos e indígenas não entendem a natureza como forma de acesso para acúmulo financeiro ou títulos familiares e sim, se preocupam com a sua conservação, pois entendem que a terra era dos seus ancestrais e é fonte de sua subsistência. Sem terra, água, ar e fogo não sobreviveriam. Na forma de viver da cultura africana bantu, não existe separação entre a pessoa, comunidade e a natureza:

(...) na relação entre o homem e a natureza, o indivíduo não é um sujeito abstrato, separado, independente das condições ecológicas da sua existência. O indivíduo não está separado das condições genealógicas e de seus pressupostos míticos, místicos, mágicos ou religiosos da terra. O ponto de partida desta apreensão é a integração da pessoa na natureza (DOMINGOS, 2011, p.8).

Assim, para os africanos, o ser humano é parte integrante da natureza e precisa fazer dela seu espaço de residência, cultura e religiosidade:

Talvez a forma de começar a caminhar na direção de uma vida íntima saudável seja reconhecer o divino em tudo. Quando entendemos que a terra na qual caminhamos não é apenas sujeira, que as árvores e os animais não são apenas fontes para nosso consumo, então podemos começar a nos aceitar como espíritos, vibrando em uníssono com todos os outros espíritos à nossa volta (SOMÉ, 2003, p.95).

Para as religiões africanas, o universo no qual as pessoas vivem e morrem e a relação entre divino, humano e natureza, representam uma visão unificada que se compõem em dois mundos: um invisível e outro visível. O mundo invisível compreende todos os seres invisíveis e espirituais; e o mundo visível abrange os seres humanos, os animais, os vegetais e todo o reino mineral. Na visão tradicional africana bantu, a terra é fonte da vida e está ligada à criação.

A Terra, antes de ser uma fonte de subsistência, é uma maneira de ser e de viver, um modo de pensar e agir. Em primeiro lugar, a terra é a fonte da vida e a ligação que o homem estabelece com ela passa necessariamente pela mediação dos gênios e antepassados que possuem a sua potência fecundante; bem vital, ela não pode ser apropriada como objeto, o homem deve fazer aliança com seus guardiões invisíveis. Em segundo lugar, o indivíduo não existe na sua singularidade, isolado e abstrato, mas na sua participação em diferentes grupos de parentesco e de aliança, de localidade e de vizinhança. As diversas funções que ele assume são referentes ao seu estatuto, quer dizer, o conjunto de direitos e deveres recíprocos correspondentes às diversas posições que ele ocupa. Em terceiro lugar, a terra é um bem socializado em duplo sentido: a sua valorização cultural estabelece uma ligação de dependência entre as gerações passadas, presentes e futuras; sua exploração deve ser feita pelos membros do grupos familiares e residenciais criando entre eles as ligações de cooperação e solidariedade (VERDIER, 1986, p.9).



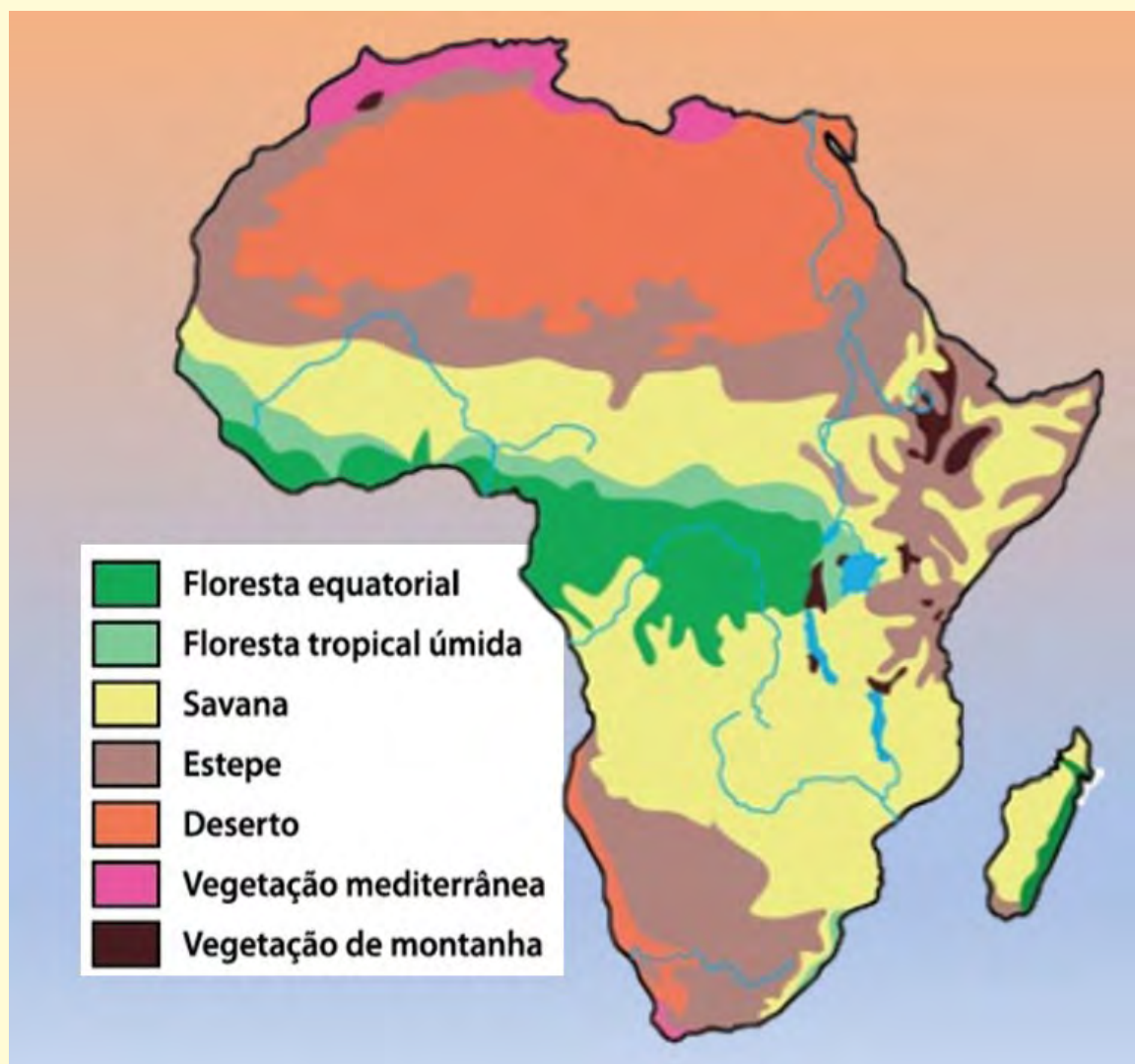
A degradação ambiental se manifesta permeada por uma crise humana marcada pela modernidade, em razão tecnológica, e acompanhada, ainda, por posturas relacionadas à ganância, racismo, xenofobia, homofobia e misoginia, dominando e transformando a natureza para obtenção de proveitos próprios e compondo a manutenção destes comportamentos naturalizados e enraizados nas estruturas sociais.

Na concepção tradicional africana, os sujeitos agem centrando todos os seus esforços para se integrarem à natureza. Portanto, a cultura africana pode ajudar a repensar o conceito de vida em equilíbrio e harmonia em relação à natureza, fomentando relações de respeito recíproco, de participação e de complementaridade e não apenas o papel humano enquanto seres desbravadores e conquistadores dos meios naturais.



ADINKRA DWENNIMMEN
“Os chifres do carneiro”.

3.2 Paisagens naturais africanas, sustentabilidade e tecnologias



Disponível em: <https://kardiasociologia.org/2022/08/30/africa-geografia-fisica/>

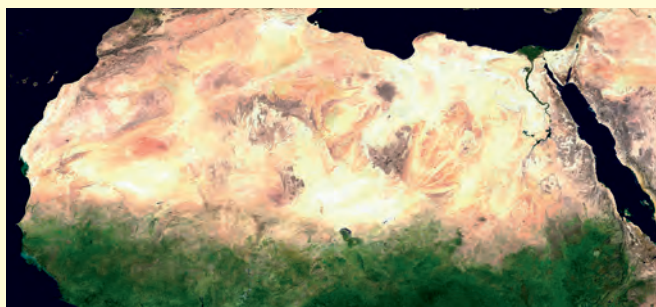
O “Espaço África: Diversidade Ambiental, Identidade e Ludicidade”, na EMEA Parque Tangará, propõe realçar e desmistificar as preciosidades da fauna e flora africanas, convidando à reflexão sobre as similaridades e contrastes entre as diversas paisagens naturais desse continente e do Brasil.

Ainda com objetivo de desconstruir a ideia de homogeneidade, temos a própria geografia do continente africano, que abriga outras paisagens naturais para além do deserto do Saara, este que, inclusive, não é o único, pois a África possui outros grandes desertos e muitos tipos de savanas. Abriga, também, altos picos e

montanhas com neves eternas, como o monte Kilimanjaro, passando por densas florestas, até por um tipo de vegetação denominada mediterrânica, que abriga pinheiros e vastas pastagens, além de regiões pantanosas.

Para além das características naturais e a riqueza da biodiversidade presente no continente africano é preciso, também, considerar as dinâmicas humanas dentro desse ambiente. Com foco na preservação ambiental, há diversas iniciativas de produção de energia limpa, se estendendo às técnicas agrícolas e outros métodos de cultivo, evidenciando o papel crucial da harmonia entre seres humanos e natureza através de ações sustentáveis. O uso racional dos recursos naturais evita impactos e danos ao meio ambiente e, somado a um conjunto de ações e atividades humanas, garante a sobrevivência do ecossistema – pessoas, plantas, animais – e gera renda, cumprindo assim com os três pilares da sustentabilidade: social, ambiental e econômico, que precisam interagir e coexistir entre si, para sua garantia. Os aspectos físico-morfológicos do continente africano são bastante diversos. Por meio do mar Mediterrâneo e

dos oceanos Índico e Atlântico, os povos africanos tiveram contato com povos de outros continentes durante muitos séculos. No interior do continente, os rios ainda têm sido um dos caminhos para a comunicação entre os povos africanos. Em África, cortada pela linha do Equador devido sua extensão, há uma ampla diversificação climática e o continente apresenta grande diversidade de biomas. Conheça mais sobre os principais aspectos naturais do continente africano e alguns exemplos de tecnologias sustentáveis, a seguir.



Deserto do Saara. Imagem por satélite. Imagem Wikipedia. https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Sahara_satellite_hires.jpg

Desertos

No continente africano encontramos três desertos: o deserto da Namíbia, localizado ao longo da costa do Atlântico, deserto do Kalahari (ao sudoeste) e o deserto do Saara, com uma área total, aproximadamente, de nove milhões de quilômetros quadrados, sendo o maior e mais quente do mundo. Durante o dia, a temperatura pode chegar até 45°C e durante a noite pode chegar a -5°C, com pouco vapor d'água e pouca retenção de calor. O solo é arenoso e pedregoso, sua vegetação é composta por espécies de pequeno e médio porte, adaptadas aos longos períodos de seca e variações de temperatura. Uma característica muito marcante dos desertos são os oásis, formados devido ao afloramento de aquíferos subterrâneos, que são pouco encontrados e bem dispersos.



Oásis, em meio ao deserto. Imagem Pixabay. <https://manualidadesfaceis.com/wp-content/uploads/2022/02/2-26.jpg>



Imagem: Homens tuaregues na Argélia, deserto do Saara.

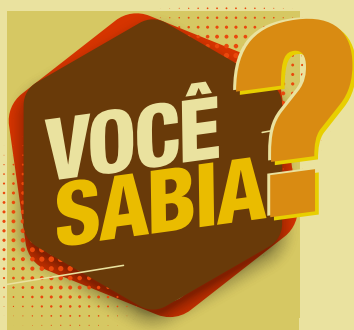
Link imagem: <https://pixabay.com/pt/photos/arg%C3%A9lia-sahara-tuaregues-homens-647703/>

Os povos tradicionais são diversos e somam cerca de 2,5 milhões de pessoas que vivem na região do Saara. Os Beduínos e os Tuaregues são os principais grupos árabes habitantes dos desertos, eles criam carneiros e cabras, praticam comércio, são nômades e seminômades.

No período medieval, no deserto do Saara, as caravanas de camelos, tornaram-se a principal rota de comércio de artigos variados, como ouro, marfim, especiarias, sal, entre outros. E ainda são utilizados até os dias atuais.



Caravana de Camelos na Tunísia, deserto do Saara. Imagem: <https://pixabay.com/pt/photos/tun%C3%ADsia-deserto-caravana-areia-733613/>



QUE NOS DESERTOS UM DOS MEIOS DE LOCOMOÇÃO E TRANSPORTE PARA O COMÉRCIO É FEITO POR CAMELOS E DROMEDÁRIOS?

Os dromedários e camelos são animais muito resistentes. Através de sua capacidade de guardar gordura nas corcovas, eles obtêm alimentação para viverem muitos dias em locais com escassez alimentar. Têm os pés feitos para caminhar nas areias e também conseguem armazenar água em seus vasos sanguíneos, além de outras adaptações por todo o corpo que lhes permitem sobreviver no deserto. Assim, os camelos e dromedários são muito utilizados pelos povos que habitam os ambientes desérticos para se locomover e transportar produtos que serão comercializados.

+ NO CHÃO DA ESCOLA

POSSIBILIDADES

No Brasil, o bioma **Caatinga** se assemelha aos desertos africanos. Na língua indígena tupi, o termo caatinga significa “**mata branca**”. Essa é uma ótima oportunidade para dialogar sobre o que os(as) estudantes conhecem destas regiões, ampliando suas pesquisas e repertórios.



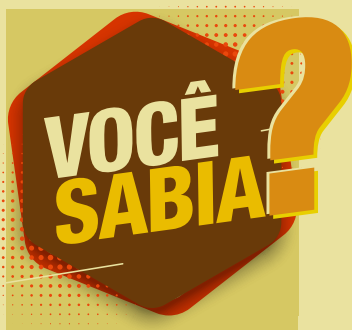
Bioma Caatinga no Nordeste do Brasil.
Fonte imagem: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Caatinga-400x300.jpg>



Dunas, Maranhão, Brasil.
Imagem: Duna Areia Maranhao - Foto gratuita no Pixabay - Pixabay

Você já ouviu falar em processo de desertificação ?

É causado por um conjunto de fatores naturais, como mudanças climáticas e fatores antrópicos como o desmatamento e exploração intensa do solo, que degradam os solos em regiões áridas, semiáridas e sub-úmidas. No continente africano, os desertos vêm crescendo por causa do processo de desertificação, que ocorre principalmente pela intensificação desordenada nas bordas dos desertos do Saara, devido a retirada da vegetação estepe para o cultivo da monocultura, entre outras práticas agrícolas tradicionais.



QUE UM HOMEM CONSEGUIU PARAR A DESERTIFICAÇÃO?

Em Burkina Faso, no deserto do Saara, um homem, usando técnicas de cultivo antigas, conseguiu parar o processo de desertificação.

Yacouba Sawadogo resolveu colocar em prática técnicas de agricultura simples e tradicionais de seus ancestrais para parar o crescimento do deserto, tornando a terra boa para o plantio novamente. Ele utilizou dois tipos de técnicas chamadas de **Zai** e **Cordões Pierreux**.



Imagens: Reprodução YouTube



Neve nas montanhas

Já pensou em esquiar pertinho do deserto do Saara? A região ao norte do continente africano, no Marrocos, tem neve! A Cordilheira do Atlas é uma cadeia montanhosa com cerca de 2.400 quilômetros de extensão, indo do Marrocos até a Tunísia, com locais em que a temperatura pode chegar a -30°C.



Imagem: Google Maps



Imagem: Andrei Cunha

Nilo - o rio mais extenso

À margem dele, surgiram duas civilizações brilhantes, Núbia e Kemet (Egito), entre 4000 anos Antes da Era Comum (AEC) e 332 AEC.

Com 7.088 Km, o Rio Nilo é o mais extenso do mundo. Ele nasce na floresta Nyungwe, em Ruanda, e deságua no mar Mediterrâneo, no Egito. Sua bacia percorre vários países africanos: Ruanda, Uganda, Tanzânia, Quênia, República Democrática do Congo, Burundi, Sudão, Etiópia e Egito.

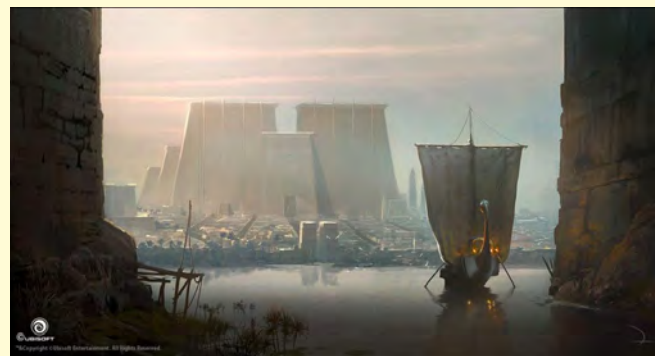


Imagem: Mênfis, era uma cidade de Kemet, antiga capital durante o Período Dinástico Primitivo e o Império Antigo (antigo Egito). Imagem retratada no trabalho gráfico da Ubisoft (com créditos para Afrokut)

Fonte: <https://afrokut.com.br/blog/12-imagens-do-kemet-perfeitamente-recriadas/>



Imagem: Vista da Estação Espacial Internacional (ISS) do Oceano Mediterrâneo, do delta e da bacia do rio Nilo e do Golfo de Suez, Egito

Fonte: TERRY VIRTS NASA, (2023) - NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL

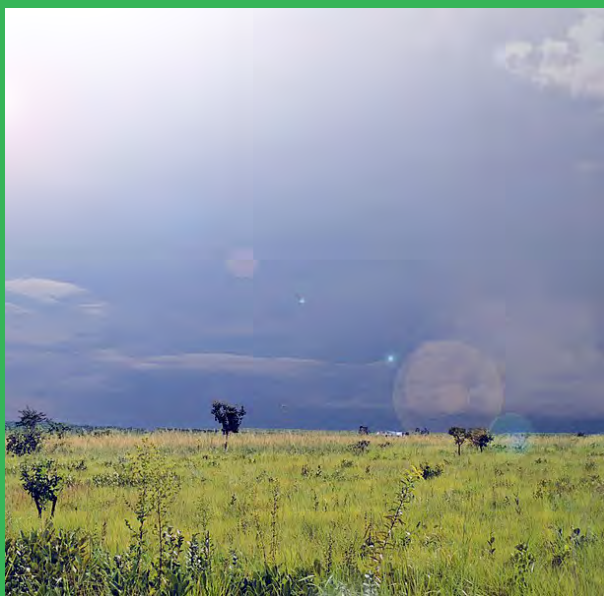
Savanas

Ao sul do deserto do Saara encontramos a savana, a área mais fértil do continente, com clima mais tropical.

+ NO CHÃO DA ESCOLA

POSSIBILIDADES

Nos estudos geográficos, biológicos e interdisciplinares, é possível comparar as similaridades das **SAVANAS** Africanas com o **CERRADO**, no Brasil.



CERRADO GOIANO

Imagem: Cerrado Goiano, Por Ana Karoline

Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Um_dia_de_quase_chuva_no_Cerrado_goiano.jpg



SAVANA AFRICANA

Imagem: Savana africana.

Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Penampakan_savana_Baluran_dari_menara_pandang.jpg

Durante séculos, a área sudanesa apresentou maior densidade demográfica devido às boas condições para agricultura, pastagens e habitação. A savana compreende várias áreas e países do continente, desde o Atlântico até o Índico, presente em países de clima tropical e subtropical. O clima apresenta variações com altas e baixas temperaturas, estações chuvosas e secas bem definidas. A vegetação é composta por espécies de gramas, arbustos e árvores esparsas que são adaptadas aos períodos de estiagem e ao fogo, crescendo em solos pouco férteis.

Um dos povos que habitam as savanas são os **Massai (ou Maasai)**, povo antigo e seminômade, originários da região do Nilo. Durante o século XVII, migraram da área que hoje é a Etiópia, em direção ao norte da Tanzânia e sudoeste do Quênia, em busca de terras verdes para alimentação dos rebanhos, dominando todo o território e vivendo até hoje, por gerações, em Ngorongoro e Serengeti.

Atualmente, cerca de 800 mil pessoas são do povo Massai, no norte da Tanzânia e no sul do Quênia. São famosos por serem destemidos guerreiros, além de serem agricultores e pastores que utilizam do gado para viver, através de sua dieta de leite com sangue. O gado é algo muito importante para os Massai, além de prover sua subsistência, é por meio da quantidade de cabeças de boi que medem suas riquezas.

Os Massai são do tipo esguios e fortes, reconhecidos por suas roupas vermelhas e azuis sobrepostas, usam acessórios coloridos, cabelos curtos, orelhas furadas, rostos tatuados e possuem uma habilidade de pular muito alto. Esse povo vem mantendo a natureza viva, sendo os guardiões das savanas.

Na cultura dos Massai, os homens protegem e pastoreiam o gado, enquanto as mulheres fazem atividades domésticas e constroem Inkajijik (cabanas tradicionais construídas com grama, varas, lama, água e esterco de vaca).

Os Massai são habilidosos artesãos, além de famosos por serem excelentes andarilhos. Devido a falta de recursos e a distância das grandes cidades, eles confeccionaram sandálias com pneus de carro.



Homens Maasai. Foto: Pixabay



Homem Maasai, na Tanzânia, África. Foto: Pixabay



Crianças do povo Massai, construindo cabanas feitas de esterco de vacas e estacas de acácia.
Foto: Samuel Costa/VEJA.com



Povos Maasai ainda vivem em aldeias cercadas com gado dentro. Foto: Marc Dourojeanni



Pernas de uma pessoa do povo Maasai com uma pulseira colorida e sandálias feitas de pneus de carro na Ilha de Zanzibar, Tanzânia

Florestas tropicais

A África Central, onde desaguam os rios Senegal, Níger e Congo, apresenta condições climáticas bastante específicas no continente: área da floresta equatorial. A Floresta do Congo é uma floresta tropical e equatorial que está situada no continente africano. É considerada uma das mais antigas do mundo e a segunda maior floresta tropical do planeta. Rica em biodiversidade vegetal e animal, abriga diversas espécies de mamíferos, insetos, aves e répteis.

A área das grandes florestas é bastante úmida e, durante muito tempo, foi pouco habitada. Atualmente, as florestas têm sido ocupadas por povos que ali passaram a habitar. Povos que cultivam alimentos, criam animais, caçam e pescam. Os limites da floresta equatorial ligam-se às savanas. Na região da Bacia do Rio Congo, vivem mais de **100 etnias distintas**, das quais o grupo étnico Baka está entre os representantes mais conhecidos do estilo de vida caçador-coletor. As culturas desses povos estão intimamente ligadas à floresta. Milhões de pessoas dependem diretamente dela para seu sustento, porém a região está ameaçada pelo desmatamento.



Localização da floresta do Congo



Elefante-da-floresta com seu filhote, República Democrática do Congo. Imagem: Thomas Breuer/ Wikipedia. CC BY 2.5



Bonobos, só vivem na República Democrática do Congo. Imagem Freepik.



Ba'Aka, povo da Floresta do Congo. Foto: Wikimedia Commons/Max Chiswick.

O dióxido de carbono (CO_2) é um gás que tem um papel significativo no efeito estufa e nos desequilíbrios climáticos do planeta Terra. As florestas absorvem carbono enquanto crescem ou se mantêm vivas, e liberam o gás quando são degradadas. Após as crises financeiras e a crise alimentar de 2007-2008 na região, o investimento agrícola na África cresceu. Como as condições climáticas na África Central são favoráveis e os preços da terra são baixos, investidores estrangeiros estão expandindo a produção agrícola na região. Mas quando as plantações utilizam técnicas de monocultura (grandes faixas de terra com plantio de apenas uma espécie) elas diminuem a biodiversidade da floresta madura, além de obrigar o deslocamento de comunidades locais, formas tradicionais de vida, de flora e fauna.

Porém, na região, também há ações de preservação para que a floresta seja menos degradada, como a **agrossilvicultura**. Isso significa apoiar e incentivar as comunidades locais a plantar árvores para fertilizar o solo, produzir lenha, entre outras coisas. Os agricultores plantam acácias, árvores de crescimento rápido, no meio das plantas de amendoins. As folhas das árvores cobrem o solo, e quando se decompõem, o tornam fértil.

Os rios da Bacia do Congo têm alto potencial energético, com 40 hidrelétricas instaladas. As hidrelétricas usam a força das águas para girar grandes turbinas e gerar energia elétrica.

A floresta também é promotora de chuva. De uma forma simplificada, as árvores absorvem a água do subsolo e a transpiração das folhas libera essa umidade no ar, formando nuvens de chuva. A agricultura no sul e sudeste do Brasil também depende da floresta para gerar os rios aéreos, que levam as chuvas pelo país. Também existe muita diversidade de espécies de animais, fungos e plantas. Inclusive há plantas medicinais, 20 das quais são usadas na medicina popular no tratamento de cânceres e são pesquisadas por diversos cientistas pelo mundo.

NO CHÃO DA ESCOLA

POSSIBILIDADES SUGESTÃO DE VIVÊNCIA

A partir das imagens dos animais do continente africano e do Brasil, é possível criar propostas lúdicas, como jogo da memória, “quiz”, jogo da força e contextos investigativos contemplando desenhos de observação, exploração de pelagem, etc. Ampliando repertórios na comparação de animais e biomas africanos com os do Brasil.

Na região da África Central há povos originários da região de florestas, que como característica geral possuem baixa estatura, com aproximadamente 1,5 metro. Estima-se que há entre 250 e 600 mil pessoas na floresta tropical do Congo. Elas vivem nas florestas de países como Angola, Camarões, Gabão, Namíbia, Ruanda, Zaire e outros. Se dividem em grupos: **Aka, Baka, Mbuti** (os mais conhecidos) e **Twa**. Cada qual com características

culturais particulares, tal como a língua e a diferente forma de desempenhar o ofício da caça.

Eles moram em casas feitas com varas, troncos e galhos e a maior parte deles sobrevive como caçadores-coletores, pegando os produtos silvestres fornecidos pelas florestas, como frutos e mel. Também são bons caçadores e destilam milho e frutas.



Os Baka, pigmeus do oeste da África equatorial. **Fonte:** <https://aulasdeyoruba.blogspot.com/2015/11/pigmeus.html>



Casa Pigmeu, casa feita com paus e folhas no norte da República do Congo. **Foto:** cortesia de "Tornasole". **Fonte:** <https://global.mongabay.com/pt/rainforests/0702.htm>



Os Pigmeus são os especialistas da floresta, fotografados na República Democrática do Congo. **Foto:** Kate Eshelby/Survival. **Fonte:** <https://bakastudio.com.br/os-pigmeus/>

NO CHÃO DA ESCOLA

POSSIBILIDADES

A Floresta Tropical do Congo se assemelha à Floresta Amazônica, no Brasil, que é a maior floresta tropical do mundo.

A bacia amazônica é a maior bacia hidrográfica do planeta Terra e seu principal rio, o Amazonas, é o maior rio do mundo em volume de água com mais de 7 mil afluentes. Abriga inúmeras espécies de animais. A vegetação densa é formada por árvores de grande porte.

A comparação de características dos dois rios, e das duas florestas, podem gerar jogos como “Super Trunfo”, em que cada peculiaridade se mostre maior ou menor, nas comparações, ampliando repertório e instigando a pesquisa dos (as) estudantes.

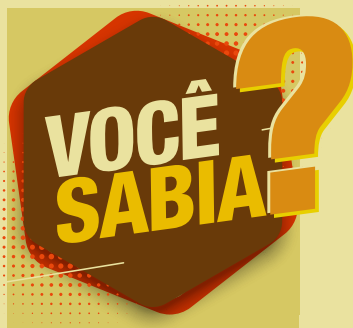
Uma possibilidade na Educação Infantil, é a exploração nas brincadeiras em tanque de areia - ou em chão de terra - com água; criando caminhos, corredores, desenvolvendo a noção de comprimento de rios, curvas que fazem, criando ali um minimundo. Que pode também estabelecer relações com o observado em vídeos e fotografias.



Bacia do Congo, a segunda maior Floresta tropical. **Foto:** Derrick Wachaya Nairobi, Quênia. **Fonte:** A mudança climática ameaça a biodiversidade na Bacia do Congo - Site Thred. <https://thred.com/change/news-change/climate-change-threatens-biodiversity-in-the-congo-basin/>



Rios da Bacia Amazônica. Imagem: Freepik.



QUE NA ÁFRICA DO SUL, FOI CRIADA UMA MOCHILA QUE GERA LUZ COM PAINEL SOLAR?

Em regiões africanas, onde muitas comunidades não têm acesso à energia elétrica, uma dupla de jovens empreendedores da África do Sul, formada por Reabetswe Ngwane e Thato Kgathanye, desenvolveu uma solução criativa para este problema.

A partir da reciclagem de sacolas de plástico, eles transformam o material em mochilas escolares com painéis solares, que são carregados durante o dia, enquanto as crianças estão na escola e, quando o Sol se põe, a mochila fornece luz para ler, fazer a lição, ou voltar para casa com segurança.

Thato Kgathanyeteve foi premiada com o Prêmio Anzhisha – que premia jovens da África que desenvolveram e implementaram soluções inovadoras para desafios sociais, ou que iniciaram empresas bem-sucedidas em suas comunidades.

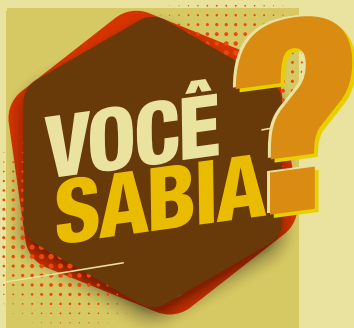


Foto: Repurpose Schoolbags/Facebook/Reprodução

ADINKRA DENKYEM

O crocodilo. Símbolo da adaptabilidade e prudência. Vem do provérbio: Odenkyem da nsuo mu nsuo ohome nsuo ne mframa.

Que significa: O crocodilo vive dentro da água respirando ar e não água.



QUE, NA TUNÍSIA, FORAM INVENTADAS TURBINAS EÓLICAS SEM LÂMINAS?

A turbina eólica é uma tecnologia de energia limpa e sustentável, que transforma a energia cinética do vento em energia elétrica, como um grande cata-vento. No entanto, este design afeta a rota migratória de aves e aviões, gera poluição sonora, não consegue operar com eficiência total e armazenar a energia gerada. Para resolver esse problema, a start-up tunisiana de energia verde Saphon Energy inventou turbinas eólicas sem lâminas rotativas, em forma de antena parabólica balançando em um movimento de 8 – uma construção inspirada no projeto das velas dos navios de séculos atrás, que aumenta a eficiência da turbina e reduz os custos de produção pela metade.



A ambientalista Wangari Maathai. Foto: Wikimedia Commons

VOCÊ CONHECE WANGARI MAATHAI?

Um dos maiores nomes da conservação ambiental no mundo. Wangari Muta Maathai (1940-2011) foi uma ambientalista queniana e a **primeira mulher africana a receber um Nobel da Paz**, em 2004. O Green Belt Movement, fundado por ela, pagava às mulheres trabalhadoras rurais um pequeno salário para plantar árvores. As árvores preservam a água da chuva, fornecem comida e combustível, mudando a realidade dessas comunidades. Quase 1 milhão de pessoas participaram do movimento e mais de 51 milhões de árvores foram plantadas até o momento. Ela foi perseguida politicamente pelo governo do Quênia, chegando a apanhar de policiais. Construiu uma carreira na política e ocupou o cargo de Ministra do Meio Ambiente. Em 2004, venceu o Nobel da Paz por “sua contribuição para o desenvolvimento sustentável, democracia e paz.” Se plantar uma árvore virou quase sinônimo de fazer algo pelo meio ambiente, é graças a ela. Conheça mais sobre o Movimento Cinturão Verde, no QR-Code.





Usar o Google Maps, por meio do Street View, e navegar pelas cidades africanas. É uma forma de caminhar pelas ruas e olhar as cidades do continente, que muitas vezes possuem similaridade com a cidade em que vivemos. Venha conosco conhecer um pouco mais!

QUE TAL “NAVEGAR” PELAS CIDADES E BIOMAS?

Local, cidade e país	Viaje pelo computador, tablet ou TV inteligente	Bioma	Viaje pelo computador, tablet ou TV inteligente
Museu Nacional de Gana National Museum of Ghana Cidade: Accra País: Gana	 <i>Museu de Gana</i>	Gana é um país muito grande e possui os biomas com características de florestas, savanas e manguezais.	 <i>Street view</i>
Planet Water parks Cidade: Kampala País: Uganda	 <i>Planet Water Park</i>	Uganda é o segundo país sem litoral mais populoso no continente africano, formado por biomas com características de florestas e savanas.	 <i>Street view</i>
Middle School Cité El Khadra Cidade: Tunis País: Tunísia	 <i>Middle School Cité El Khadra</i>	Uma escola de ensino fundamental na parte muçulmana da África, e um local com características do bioma deserto. Observe as placas.	 <i>Street view</i>

MÃE ÁFRICA JÁ DIZIA

66

SE A FLORESTA TE ABRIGA, NÃO A CHAME DE SELVA”

99



Referências

ALEXANDROWICZ, Laurence. **Floresta do Congo é um dos pulmões do planeta**. Revista Euronews – edição digital, 2021. Disponível em: <https://pt.euronews.com/2021/11/08/floresta-do-congo-e-um-dos-pulmoes-do-planeta#:~:text=Floresta%20do%20Congo%3A%20campe%C3%A3%20do,termos%20de%20sequestro%20de%20carbono>. Acesso em 09 de abril de 2024.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira”, e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm Acesso em 09 de abril de 2024.

BRASIL. **Lei n. 11.645/2008, de 10 de março de 2008**. Altera a lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20072010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em: 09 de abril de 2024.

CORDEIRO, P. R. de OLIVEIRA. **Natureza no Cosmo Sentir Bantu e a Questão Ambiental**. Kwanissa, São Luís, n. 10, Dossiê: Pensamentos Geográficos Africanos e Indígenas, p.63-75, 2021. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/kwanissa/article/view/17406/9454>. Acesso em 07 de janeiro de 2024.

DOMINGOS, Luis Tomas. **A visão africana em relação à natureza**. Revista Brasileira de História das Religiões. Maringá (PR) v. III, n.9, jan/2011. ISSN 1983-2859. Disponível em <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html>

FELDMANN, P. R. **África e América do Sul: O futuro passa pela biodiversidade**. Energia e ambiente, Estudos avançados 35 (102), mai.-ago. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/XwKtmbngy54L437n4QFtg6R/?lang=pt> > . Acesso em 07 de janeiro de 2024.

GODINHO, V.M. **O “Mediterrâneo” Saariano e as Caravanas do ouro: Geografia Econômica e Social do Saara Ocidental e Central do Século VI ao século XVI**. São Paulo, outubro de 1954. Disponível em: revhistoria2.webhostusp.sti.usp.br/wp-content/uploads/revistas/023/A004N023.pdf>. Acesso em 30 de dezembro de 2023.



GOMES JR., G.S. **Orientalismos Zoológicos, Querelas de Camelos Zoological**. ALEA: Rio de Janeiro, vol. 25/1, p. 254-276, jan.-abr. 2023. Disponível em: < scielo.br/j/alea/a/pCZRbxzfhs8CZhpMfCnHPs/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 05 de janeiro de 2024.

LABOURIAU, M.L.S. **História Ecológica da Terra**. 2ª ed. São Paulo: Ed. Edgard Bücher Ltda, 1994. p.255-284. Disponível em: <<https://www.ifmg.edu.br/governadorvaladares/pesquisa/laboratorio-de-climatologia/livros/historia-da-ecologia-da-terra-2-ed-www-meulivro-biz.pdf>>. Acesso em 10 de abril de 2024.

LINS, Mariana do Carmo. **CEJA - Ensino Fundamental II - Fascículo 8**. Fundação Cierj. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <<https://canal.cecierj.edu.br/recurso/17288>> Acesso em: 30 de dezembro de 2023.

MATIAS, Vandeir Robson da Silva. **A Geografia da África: Caminhos e descaminhos no século XXI**. UFMG. Educ.&Tecnol. Belo Horizonte, v. 20, n. 1, p. 77-86 | jan./abr. 2015 |. Disponível em: 717-3206-1-PB.pdf. Acesso em 30 de dezembro de 2023.

PAZ, Pedro. **Para pesquisador, cultura africana propicia comunhão com a natureza**. Universidade Federal da Paraíba, 2018. Disponível em: <<https://www.ufpb.br/antigo/content/para-pesquisador-cultura-africana-propiciacomunhao-com-natureza>>. Acesso em 09 de abril de 2024.

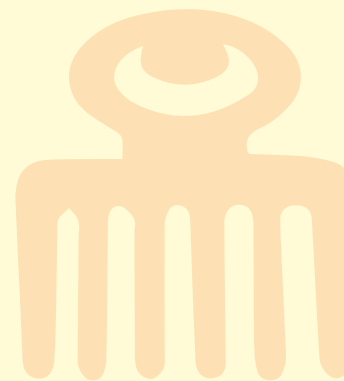
RAUPP, Eric. **Floresta do Congo, a segunda maior floresta tropical do mundo, pode desaparecer até o final do século**. Correio do Povo - edição digital, 2019. Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/geral/floresta-do-congo-a-segunda-maior-tropical-do-mundo-pode-desaparecer-at%C3%A9-o-final-do-s%C3%A9culo-1.321226>. Acesso em 30 de dezembro de 2023.

ROGERS, K.; NIEMCHICK, A. **People of the Sahara**. Britannica, 2023. Disponível em: <<https://www.britannica.com/place/Sahara-desert-Afric/People>>. Acesso em junho de 2023.

SOMÉ, Sobonfu. **O espírito da intimidade: ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar**. São Paulo: Odisseus, 2003.

MARASCIULO, Marília. **Quem foi Wangari Muta Maathai, primeira mulher africana a receber o Nobel da Paz**. Revista Galileu, Ed. Globo, 2019. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2019/09/quem-foi-wangari-muta-maathai-primeira-mulher-africana-receber-o-nobel-da-paz.html>>. Acesso em 15 jan. 2024.

VERDIER, R. **Systeme foncier a la ville et dans le village**. Paris L' Harmattan, 1986, p.9. Pigmeus. Toda Matéria, 2011-2023. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/pigmeus/>>. Acesso em junho de 2023.



ADINKRA DUAFE

“Pente de madeira”. Símbolo de consideração feminina ou de boas qualidades femininas, como paciência, prudência, carinho, amor e cuidado.



**ADINKRA
SANKOFA**



CONSIDERAÇÕES FINAIS

NA TRILHA DE UM GRIÔT...

66

**SOMOS MEDIADORES DA SOCIEDADE E UTILIZAMOS A
PALAVRA COMO O PRINCIPAL INSTRUMENTO**

Griôt Hassane Kouyaté

99

“Na trilha de um griôt” convidamos você a desconstruir estereótipos, compartilhar com os(as) estudantes e com outras pessoas sobre os ricos conhecimentos dos povos africanos, valorizando a diversidade cultural, reconhecendo o protagonismo desses povos na formação do Brasil, através de conexões significativas com as culturas, tradições, linguagens, brincadeiras, conhecimentos, técnicas, sabores e melodias trazidos ao Brasil, elementos que continuam presentes em cada um de nós, até os dias atuais. A palavra griôt se popularizou no Brasil, mas o termo usado entre estes indivíduos é “djeli” para homem e “djeli-muso” para a mulher¹:

“A grande maioria dos grupos étnicos africanos transmite seu aprendizado através da oralidade, há tradições orais em diversos segmentos dessas sociedades, embora existam, em alguns povos, castas em que as pessoas são formadas para contar histórias e resguardar a genealogia, como é o caso do djeli. Há tradições orais entre os ferreiros e tecelões da África Ocidental, mas sua função está voltada para a arte da forja ou do tecer. Para o djeli, sua função na sociedade é ser depositário da palavra, essa é a matéria prima de seu artesanato. No Brasil, eles são conhecidos como griots, apesar de, entre eles não se chamarem dessa maneira. Eles resguardam a memória de muitas gerações, a tradição oral é a razão de existir dessa casta” (SANTOS, 2015).

O continente africano não é sinônimo de fome, miséria e bichos selvagens e se faz necessário que ele seja visto com outros olhos. Este continente é um espaço geográfico com uma rica diversidade em seus aspectos físico-morfológicos, em suas culturas, etnias, biodiversidade de animais e vegetações. Nossa sociedade brasileira é plural, uma identidade multicultural construída por diversos povos, principalmente indígenas e africanos. Ser plural significa aceitar em nós a composição de nossa diversidade. É dialogar, aprender, ensinar e sentir-se parte da história que está sendo escrita por cada brasileiro e brasileira e ter a capacidade de conviver com os diversos mundos que habitam nossa brasilidade.

A EMEA Parque Tangará, além de promover a educação ambiental a partir de conceitos e técnicas científicas, reconhece e valoriza os saberes e vivências de tradições orais da identidade e da ancestralidade. As práticas pedagógicas desenvolvidas na escola são interdisciplinares, integrando diferentes linguagens e fortalecendo ações para a equidade, na construção compartilhada do conhecimento.

¹ SANTOS, Toni Edson Costa. Negros pingos nos “is”: djeli na África ocidental; griô como transcrição; e oralidade como um possível pilar da cena negra. *Urdimento*, v.1, n.24, p. 157-173, julho, 2015. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573101242015157/4489>



Assim, convidamos você, educador e educadora, a conhecer o “Espaço África: Diversidade Ambiental, Identidade e Ludicidade”, na EMEA Parque Tangará, compondo os trabalhos já realizados na sua unidade escolar e disparando possibilidades, ampliando vivências e saberes.

Griôts são guardiões da memória que, por meio da contação de histórias, transmitem saberes de geração em geração. Manter a integridade dos seus saberes: histórias, genealogias, provérbios etc. é tido como algo sagrado.

Que você, leitor e leitora, educador e educadora, possa se nutrir das muitas histórias e informações que tantos griôts ensinaram, e que por meio de ricos e potentes registros históricos chegam até nós, como é o intuito desta publicação.

**ADINKRA
DWENNIMMEN**

**NO
CHÃO
DA ESCOLA**

PRA VOCÊ EDUCADOR(A)! PARA EMBASAR E INSPIRAR



Em material complementar, assista o encontro com educadores e educadoras, realizado em outubro de 2023, no Centro de Formação de Professores Clarice Lispector, na apresentação do “Espaço África: Educação Ambiental, Diversidade e Ludicidade”.



DIVERSIDADE AMBIENTAL IDENTIDADE E LUDICIDADE

UMA REFLEXÃO PEDAGÓGICA SOBRE AS RELAÇÕES
ÉTNICO-RACIAIS E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Este material propõe compartilhar reflexões, conceitos e orientações pedagógicas para o ensino de culturas africanas e afro-brasileiras, a partir da educação ambiental.

Griôts são guardiões da memória que, por meio da contação de histórias, transmitem saberes de geração em geração. Que você, leitor e leitora, educador e educadora, possa se nutrir das muitas histórias e informações que tantos griôts ensinaram, e que, por meio de ricos e potentes registros históricos, chegam até nós.

Convidamos você a mergulhar conosco nos conteúdos desenvolvidos através das pesquisas que integram esta coletânea e que constituem uma amostragem interdisciplinar da proposta da Escola Municipal de Educação Ambiental Parque Tangará/ Parque Escola, construída de forma articulada com profissionais da Secretaria de Educação da Prefeitura de Santo André e em parceria com a equipe do Instituto Iprodesc.

ISBN nº 978-65-986674-0-5

